

DIÁLOGO GLOBAL 2.4

Aonde vai a Sociologia Chinesa?

Liping Sun

Sociologia e celebridade

Robert Van Krieken
Vedat Milor

Violência e protesto na América Latina

Johanna Parra
Nadia Rodríguez
Milton Vidal

- > Reunião do Comitê Executivo em Beirute
- > Laboratório de PhD em Johannesburgo
- > Jornadas pela sociologia
- > As insurreições árabes
- > Uma ou várias sociologias?
- > Nossos editores iranianos
- > O lugar global da sociologia francófona
- > Esquina da História: Mais sobre AISLF direto dos arquivos
- > Os desafios enfrentados pela Sociedade Indiana de Sociologia
- > Sociologia Pública na Universidade de Ankara
- > Futuros Democratizantes

NEWSLETTER



International
Sociological
Association



VOLUME 2 / EDIÇÃO 4 / MAIO 2012

DGN

> Editorial

ISA-online – O futuro da sociologia

O *Diálogo Global* tem sido publicados há dois anos. Nós o aumentamos de 8 para 30 páginas, de 5 para 13 línguas, a partir de um modelo padrão para um projeto especial, a partir de um boletim informativo para uma revista. Ele está disponível eletronicamente - embora onde quer que eu vá minhas malas estão sobrecarregadas com cópias em papel, impressas nas línguas mais relevantes. Ele oferece uma lente sociológica sobre os acontecimentos mundiais, bem como um repositório sobre os acontecimentos na ISA, conferências, debates sociológicos, colunas especiais, atualizações sobre as sociologias nacionais e assim por diante. O mais importante é o diálogo que ele cria, dentro e entre as equipes de tradutores. Por exemplo, nesta edição os membros jovens e entusiastas do Laboratório de Sociologia Pública em Varsóvia relatam a conferência que eles organizaram para lançar a versão polonesa do *Diálogo Global* - uma conferência estendendo debate do *Diálogo Global* sobre o caráter global e universal da sociologia. Um dos resultados, portanto, é uma rede de equipes de jovens sociólogos interligados - cultivando diversas visões da sociologia mundial.

Um princípio similar rege o curso global: Public Sociology, Live! Aqui uma série de sociólogos brilhantes, profundamente enraizados nos países onde vivem e pesquisam, conversam com estudantes de Berkeley curiosos sobre suas experiências de engajamento. Usando o Skype, esses sociólogos públicos mais comprometidos não tem que deixar seus estudos. As conversas são gravadas e publicadas no site do ISA, onde podem ser vistos por qualquer pessoa com acesso à Internet em <http://www.isa-sociology.org/public-sociology-live/>. Em particular, ele é assistido por grupos de estudantes e seus professores em Barcelona, Teerã, Joanesburgo, São Paulo, Kyiv, e Oslo, que, em seguida, publicam resumos de suas discussões no [facebook](#) que, por sua vez, gera mais discussões e debate. Nós, assim, criamos centros, laboratórios e institutos que aprendem sobre si mesmos conectando-se aos outros, cultivando uma comunidade de sociólogos globais, ligados por sua diversidade.

A mídia social pode intensificar e enriquecer a interação face a face, ao mesmo tempo em que traz a interação para audiências globais. Assim, a série de vídeos [Jornadas pela Sociologia](#), descrita por Laleh Behbehani em esta edição, pergunta aos membros distantes da Comissão Executiva ISA o que os trouxe para a sociologia, e quais os desafios que enfrentaram no caminho. A maioria dos membros do ISA nunca teria a oportunidade de ouvir ou ver os seus líderes, mas agora eles estão disponíveis a um clique de um mouse. Aqui, então, estão exemplos do que, em princípio, pode ser feito de qualquer lugar do mundo, modelos que outras pessoas possam copiar, modificar e melhorar. A *Internet* pode significar a degradação da educação, mas também pode melhorar a educação, pode diluir a comunicação, mas também pode enriquecê-la. Enquanto nós controlarmos a *Internet* podemos decidir como usá-la.

O *Diálogo Global* é publicado cinco vezes ao ano em 13 idiomas. Ele pode ser acessado no [website da ISA](#). Submissões podem ser enviadas a Michael Burawoy: burawoy@berkeley.edu



Aonde vai a sociologia chinesa? Nesta entrevista, o renomado intelectual chinês e sociólogo Liping Sun descreve o lugar da sociologia na vida pública chinesa e explica por que a China está caminhando para a estagnação.



Sobre a Celebração da Academia. Robert Van Krieken escreve sobre a forma como as celebridades invadiram a academia, criando um sistema de estrelas de Hollywood como em que "o vencedor leva tudo", e levando a uma característica corrosiva de trabalhos acadêmicos.



De Professor de Sociologia à Guru Culinário. Looking for another career? O sociólogo turco Vedat Milor nos diz como ele se tornou uma personalidade da televisão e com um culto de seguidores - tudo baseado em seu programa de gastronomia exibido na TV em horário nobre.

> Corpo Editorial

Editor:

Michael Burawoy.

Editores Executivos:

Lola Busuttil, August Bagà.

Editores Associados:

Margaret Abraham, Tina Uys, Raquel Sosa,
Jennifer Platt, Robert Van Krieken.

Conselho Editorial:

Izabela Barlinska, Louis Chauvel, Dilek Cindoğlu,
Tom Dwyer, Jan Fritz, Sari Hanafi, Jaime Jiménez,
Habibul Khondker, Simon Mapadimeng, Ishwar Modi,
Nikita Pokrovsky, Emma Porio, Yoshimichi Sato,
Vineeta Sinha, Benjamin Tejerina, Chin-Chun Yi,
Elena Zdravomyslova.

Editores Regionais

Mundo Árabe:

Sari Hanafi, Mounir Saidani.

Brasil:

Gustavo Taniguti, Juliana Tonche, Pedro Mancini,
Fabio Silva Tsunoda, Célia da Graça Arribas,
Andreza Galli, Renata Barreto Preturlan.

Colômbia:

María José Álvarez Rivadulla, Sebastián
Villamizar Santamaría, Andrés Castro Araújo.

Índia:

Ishwar Modi, Rajiv Gupta, Rashmi Jain, Uday Singh.

Irã:

Reyhaneh Javadi, Shahrad Shahvand,
Fateme Moghaddasi, Saghar Bozorgi,
Nastaran Mahmoudzadeh, Najmeh Taheri,
Tara Asgari Laleh, Milad Rostami.

Japão:

Kazuhisa Nishihara, Mari Shiba, Kousuke Himeno,
Tomohiro Takami, Yutaka Iwadata, Kazuhiro Ikeda,
Yu Fukuda, Michiko Sambe, Takako Sato, Shohei
Ogawa, Tomoyuki Ide, Yuko Hotta, Yusuke Kosaka.

Polônia:

Mikołaj Mierzejewski, Karolina Mikołajewska,
Jakub Rozenbaum, Michał Chełmiński, Emilia Hudzińska,
Julia Legat, Adam Muller, Wojciech Perchuc,
Anna Piekutowska, Anna Rzeźnik, Konrad Siemaszko,
Zofia Włodarczyk.

Rússia:

Elena Zdravomyslova, Anna Kadnikova,
Elena Nikiforova, Asja Voronkova.

Taiwan:

Jing-Mao Ho.

Turquia:

Aytül Kasapoğlu, Nilay Çabuk Kaya, Günnur Ertong,
Yonca Odabaş, Mustafa Aykut Attar.

Consultores de Mídia:

Annie Lin, José Reguera.

> Nesta Edição

Editorial: ISA – online – O futuro da sociologia **2**

Aonde vai a sociologia chinesa?

Entrevista com Liping Sun, China **4**

> CELEBRIDADE

Sobre a celebração da academia

por Robert Van Krieken, Austrália **6**

De Professor de Sociologia à Guru Culinário

por Vedat Milor, Turquia **8**

> VIOLÊNCIA E PROTESTO NA AMÉRICA LATINA

A violência das esmeraldas

por Johanna Parra, Colômbia **11**

Restituição de terras na Colômbia

por Nadia Rodríguez, Colômbia **13**

O movimento estudantil no Chile

por Milton Vidal, Chile **15**

> O QUE ACONTECE NA ISA?

Reunião do Comitê Executivo em Beirute, 2012

por Michael Burawoy, EUA **17**

Laboratório de PhD, novembro de 2011

por Tina Uys, África do Sul **20**

Jornadas pela sociologia

por Laleh Behbehani **21**

> CONFERÊNCIAS

As insurreições árabes

por Amina Arabi e Julian Jürgenmeyer, Líbano **23**

Uma ou várias sociologias? Um diálogo polonês

**por Mikołaj Mierzejewski, Karolina Mikołajewska,
e Jakub Rozenbaum, Polônia** **25**

> COLUNAS ESPECIAIS

Apresentando os editores: A equipe iraniana

por Reyhaneh Javadi, Iran **27**

O lugar global da sociologia francófona

por André Petitat, Suíça **28**

Esquina da História: Mais sobre a AISLF direto dos arquivos

por Jennifer Platt, Reino Unido **30**

> DAS REGIÕES

Os desafios enfrentados pela Sociedade Indiana de Sociologia

por Ishwar Modi, Índia **31**

Sociologia Pública na Universidade de Ankara

por Günnur Ertong e Yonca Odabaş, Turquia **32**

Futuros democratizantes

por Markus S. Schulz, EUA **33**



> Aonde vai a Sociologia Chinesa? Uma entrevista com Liping Sun

Esta entrevista foi conduzida por Michael Burawoy para Diálogo Global, com a mediação dos professores Yuan Shen, Lina Hu e Xiuying Cheng. Liping Sun é um dos mais importantes intelectuais públicos na China hoje. Ele é professor de Sociologia da Universidade de Tsinghua, em Pequim.



O renomado sociólogo chinês Liping Sun, fazendo apontamentos sobre a armadilha da transição

MB: Recentemente, o senhor escreveu sobre o impasse ou a estagnação do desenvolvimento chinês, ou o que você denominou como a “armadilha da transição”. O que o senhor quer dizer com “armadilha da transição”?

LS: A armadilha da transição se refere à mascaração de interesses no processo de reformas que impede que outras aconteçam. Aqueles que se beneficiaram das reformas querem manter o status quo; desejam congelar as formas institucionais em suas características de transição, e querem estabelecer “instituições mistas” que vão maximizar seu lucro. Tudo isso leva à distorção do desenvolvimento

desenvolvimento socioeconômico e à acumulação de problemas econômicos e sociais. Comparada com a União Soviética e o Leste Europeu, a transição chinesa é vista como um modelo passo a passo, e é nisso que se encontra o problema: o sucesso inicial deste processo de reforma colocou agora suas próprias barreiras.

MB: O que o senhor quer dizer exatamente com isso?

LS: O sucesso econômico da China foi garantido pelo monopólio estatal de todos os tipos de recursos e sua forte capacidade administrativa. Este modelo particular de desenvolvimento econômico foi fundado na atuação de burocratas corruptos em um Estado rentista. A expansão desta burocracia poderosa, contudo, obstruiu o avanço da transição em direção a uma verdadeira economia de mercado, que opere sob o “império da lei”.

MB: O senhor é um intelectual público bastante conhecido na China. O que isso significa para o senhor? Na realidade, como o senhor dissemina a sociologia para diferentes públicos? Como o senhor é influenciado por sua sociologia pública?

LS: A diferença entre a sociologia “tradicional” e a “pública” pode ser vista da seguinte maneira. O interesse primordial da sociologia tradicional é produzir conhecimento sobre a vida social. Embora este conhecimento também influencie a sociedade, isso ocorre apenas “indiretamente”, como uma consequência não intencional. Por sua vez, embora a sociologia pública também produza conhecimento sobre a sociedade, seu interesse primordial é influenciar a sociedade. Nas palavras de Robert Merton, a função manifesta da sociologia tradicional é produzir conhecimento e a função latente é influenciar a sociedade. A sociologia pública é o exato oposto.

>>

As diferenças entre os dois tipos de sociologia se expressam na escolha do tópico de pesquisa e na maneira pela qual se chega às conclusões. Quando escolhemos um tópico de pesquisa na China, a prioridade é dada aos problemas sociais mais importantes que precisam de respostas. Por exemplo, nossa pesquisa sobre a mudança na estrutura social durante o processo de transição, sobre contradições sociais e conflitos, sobre a armadilha da transição, e assim por diante. Nosso objetivo é claro: chegar a conclusões que influenciarão o entendimento público da questão, e até influenciar as políticas implementadas pelo governo.

Existem três principais canais de influência: publicar trabalhos em revistas acadêmicas para influenciar o andamento da disciplina; proferir discursos em meio de comunicação social (incluindo redes sociais como o Twitter) para influenciar o entendimento público; e escrever relatórios de pesquisa sobre tópicos específicos, influenciando o governo por meio de sua publicação nos meios jornalísticos e nas redes sociais. Contudo, de forma geral, não nos engajamos diretamente em ações sociais.

MB: Como o senhor vê o papel ou a função da sociologia na China contemporânea?

LS: Como a China é uma sociedade em transição que está passando por dramáticas mudanças sociais, a sociologia tem um impacto maior na vida pública. Nesta era, a sociologia pode influenciar o pensamento público, assim como as políticas governamentais. Assim, os diferentes modelos de industrialização desenvolvidos por sociólogos, como as Township and Village Enterprises (TVEs – Empresas Coletivas de Vilas e Municípios) e as recomendações a respeito da integração do desenvolvimento rural e urbano se tornaram políticas patrocinadas pelo Estado no nível local. Conceitos teóricos introduzidos por sociólogos, como “comunidade”, se tornaram os slogans de documentos oficiais de políticas públicas e informaram práticas na vida pública após o desmonte do sistema de unidades de trabalho.

MB: Quais são os dilemas dos intelectuais públicos chineses hoje? Existe algo sobre o qual o senhor não possa escrever ou falar? Ou o senhor tem maneiras especiais de contornar questões sensíveis? Como o senhor sobrevive como um crítico do Estado?

LS: Na situação atual da China, há de fato muitas limitações a encarar quando se fala sobre assuntos públicos. Contudo, ao mesmo tempo, deve-se ressaltar que o espaço para intelectuais públicos é maior do que se pode imaginar. Podem-se tratar muitas questões públicas diretamente. Alguns tópicos sensíveis também podem ser mencionados por meio de “desvios cuidadosos”. Por exemplo, é possível falar sobre a realidade falando sobre a história, ou falar sobre a China a partir da União Soviética ou do Leste Europeu, e assim por diante. Desde o surgimento da *internet*, *blogs* e *Twitter*, o espaço para discutir diretamente algumas questões sensíveis aumentou consideravelmente, porque o controle sobre essas novas mídias é mais frouxo. Eu ainda

devo acrescentar que a objetividade da sociologia e seu foco em fatos, ou seja, seu caráter científico, também ajuda a expandir o espaço para lidar abertamente com questões públicas.

MB: Como o senhor chegou na sociologia? Sei que o senhor passou muito tempo fazendo projetos de história oral com os camponeses. O que o senhor aprendeu a partir dessa pesquisa sociológica?

LS: Eu era um estudante de comunicação e depois passei para a sociologia no último ano de faculdade. Essa era uma época em que a sociologia estava sendo reconstruída na China, depois de quase 30 anos de abandono. Na década de 1980, meu principal interesse de pesquisa era a modernização porque, na época, era o principal tópico na sociedade chinesa. Meu estudo de áreas rurais por meio da história oral começou em 1996. O objetivo era coletar informação sobre a sociedade rural para entender a vida cotidiana de camponeses e a “lógica comunista da prática” implícita em suas vidas cotidianas. Queríamos analisar as reformas de mercado chinesas como um processo de “transição civilizacional”, ou seja, um processo que organizou a vida social, incorporado nas práticas cotidianas. É por isso que fui para as áreas rurais para entrevistar camponeses sobre suas experiências no período revolucionário.

MB: Quais mudanças na sociologia o senhor viu nos últimos 30 anos? Qual é a sua visão do futuro da sociologia chinesa?

LS: A academia americana está preocupada com a acumulação de conhecimento, a academia europeia, com valores, e a academia chinesa está preocupada com a realidade. Isto é, a academia chinesa tem uma tradição de se importar com a realidade. Contudo, devido à influência da sociologia americana, assim como outros fatores, existe agora um interesse declinante pela realidade na sociologia chinesa. A sociologia parece ter se tornado o estudo da própria sociologia, ao invés da sociedade. Mesmo quando a pesquisa é sobre a sociedade, ela tende a produzir conhecimento muito fragmentado.

Sempre acreditei na importância de se estudar transições sociais, especialmente por meio de um exame de seus processos e eventos. Isso é importante mesmo se estamos preocupados com o desenvolvimento da própria sociologia. Com relação à sociologia, os fundadores de nossa moderna disciplina estavam todos preocupados em explicar a civilização capitalista. Por outro lado, o comunismo sem dúvida representa outra grande civilização na história humana. Ele tem um conjunto de instituições, valores e lógicas que são muito diferentes do capitalismo ocidental, e passou um por uma transformação histórica nos anos recentes. Acredito que o estudo das características, lógicas e processos de transição desta civilização comunista deveria se tornar a nova inspiração e motivação para a sociologia contemporânea e, de fato, para as ciências sociais em geral.



> Sobre a Celebrização da Academia

por Robert van Krieken, Universidade de Sydney, Austrália, e Vice-Presidente da ISA de Finanças e Filiação, 2010-2014



| Pierre Bourdieu – uma celebridade contra a celebrização

Nas universidades de hoje, é possível ver uma série de fissuras que estão se tornando mais longas e largas, dividindo a comunidade acadêmica em aproximadamente três classes:

- uma elite de pesquisadores prestigiados com pouca ou nenhuma responsabilidade administrativa ou de ensino;
- uma “classe média” de professores e pesquisadores, pressionada por demandas em constante crescimento para que façam mais e melhores pesquisas *além* de ensinar números cada vez maiores de alunos. A performance da elite que somente faz pesquisa é usada como o padrão, mas é inatingível; assim, essa classe está condenada ao fracasso e frustração, e à busca do Santo Graal das posições de dedicação exclusiva à pesquisa;
- um exército proletário em expansão de professores e pesquisadores eventuais e em meio período, que experimentam extrema insegurança e más condições de trabalho, na esperança de que, com o tempo, irão alcançar uma posição em tempo integral no quadro permanente.

Há uma série de maneiras de analisar essas tendências,

mas eu gostaria de oferecer aqui algumas reflexões sobre como um tipo específico de “racionalidade de celebridade” também opera. Existe uma conexão entre os mecanismos sociais e econômicos que dão suporte às figuras sociais que normalmente identificamos como celebridades – atores, atrizes, personalidades de TV, estrelas do esporte – e as transformações que afetam as universidades ao redor do mundo. Meu projeto mais amplo tem sido resgatar a análise da celebridade para problematizar preocupações conceituais centrais na sociologia, como desigualdade, identidade, poder e governança, e há uma série de maneiras pelas quais a academia é um exemplo central dos processos e dinâmicos da “sociedade da celebridade”.

Há discussões mais antigas sobre celebridade nos escritos de Robert Michels e outros, mas C. Wright Mills fez uma importante contribuição quando observou os modos pelos quais as dinâmicas de todos os tipos de competição subjazem à produção de indivíduos específicos como celebridades – ou seja, “intérpretes” altamente visíveis que funcionam como ponto de referência cognitiva e prática para o resto do campo competitivo. Em *A Elite do Poder* (*Power Elite*, Oxford, 1957: 74), Mills escreveu:

“Nos Estados Unidos, este sistema é levado a tal ponto que um homem que consegue bater uma pequena bola branca para dentro de uma série de buracos no chão com mais eficiência e habilidade que qualquer outro ganha acesso social ao presidente dos Estados Unidos. É levado a tal ponto que um apresentador tagarela de rádio e televisão se torna o companheiro de caçadas de grandes executivos industriais, membros do alto escalão do governo e das forças armadas. Não parece importar em que o homem é o melhor: desde que ele tenha vencido em competições todos os outros, ele é celebrado.”

Isto não estava exatamente certo; é mais comum que a estrela de rock tenha acesso ao presidente, mas o homem com a bolinha branca também se dá bem. A questão é que o maior alcance possível de visibilidade e reconhecimento se torna um recurso ou valor *em si*; independentemente do que gerou o reconhecimento em primeiro lugar.

Robert Merton caracteriza o problema como o “Efeito Mateus” no trabalho científico, referindo-se ao Evangelho segundo Mateus 25:29: “Porque a todo o que tem se lhe

>>

dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.” Ele notou que cientistas que receberam um Prêmio Nobel recebiam muito mais atenção que seus colegas, independentemente dos méritos relativos de suas pesquisas. A abundância de atenção com relação ao desempenho acadêmico tendia a ser autocumulativa, desde que se permanecesse no campo. Isto foi elaborado por Herbert Simon em 1971, quando ele apontou que quando há um excesso de informação e conhecimento, o recurso que se torna escasso – e, conseqüentemente, uma mercadoria importante – é a *atenção*, a capacidade de orientar a cognição em uma direção ou para um objeto em vez de outro. Atenção é o recurso escasso ou “bem posicional” em circulação no que Richard Sennett chamou o “sistema de estrelas” com relação à música: a maneira pela qual certos músicos, capazes de ir além do fato de serem somente bons músicos ao incluir características adicionais que capturam a atenção, terminam por ofuscar o resto do campo musical.

A orientação crescente segundo os *rankings* globais e o constante refinamento de métodos de mensuração e avaliação de desempenho geram dinâmicas competitivas semelhantes entre acadêmicos, universidades e países – e onde há competição, há produção de celebridades: grandes acadêmicos, pesquisadores, universidades. Seria possível dizer que a mensuração de citações é uma medida de quão influente uma pesquisa é, mas também é uma medida da celebridade acadêmica de seu autor. Citamos Bourdieu ou quem quer que seja não somente ou mesmo principalmente porque faz muita diferença para a análise, mas para indicar que conhecemos Bourdieu.

O sistema atual de celebridade acadêmica opera em três níveis: individual (em geral pesquisadores, raramente professores), institucional (universidades) e nacional ou regional (países ou blocos de países). Pode ser uma metáfora exagerada, mas em muitos aspectos todos querem – ou estão sendo forçados a querer – ser a Kim Kardashian de sua disciplina ou do sistema universitário global. Assim como a visibilidade de Kardashian afeta sua capacidade de ganhar dinheiro por meio de patrocínios e venda de sua imagem e marca, os rankings importam para as universidades porque afetam as inscrições de estudantes, seu status social e a generosidade de

patronos, doadores e governos. É também por isso que as universidades investem tanto tempo e dinheiro no desenvolvimento de suas “marcas”.

Que lições podem ser aprendidas da análise sociológica da celebridade para responder a essas transformações da universidade? Não há espaço para analisar isto em detalhe aqui, mas posso sugerir algumas possibilidades para começar. Primeiro, reconhecer que estamos olhando para uma máquina para a produção e distribuição de *atenção*, e que é a *atenção* muitas vezes o recurso em questão, não o valor acadêmico do que está sendo produzido, torna possível adotar uma percepção muito mais cética dos jogos de status sendo jogados nas universidades. Entender que o que é apresentado como meritocracia é em alguns aspectos na verdade uma “celebritocracia” nos ajuda a ver que muitas das tendências de crise são de fato uma “luta por atenção”.

Segundo, se o jogo em que estamos é o da celebridade, então podemos observar o que está acontecendo no campo mais amplo da celebridade e adotar estratégias semelhantes em nossa atividade acadêmica. Todos nós sabemos que Andy Warhol disse que “no futuro, todos serão famosos por 15 minutos”, mas depois ele disse que estava cansado dessa frase, e que queria mudá-la para “em 15 minutos, todos serão famosos”. Podemos ver esse mecanismo em funcionamento na proliferação massiva de diferentes tipos de indivíduos altamente visíveis e mais amplamente reconhecíveis (ou seja, celebridades) em mais e mais campos de atividade.

Ao invés de aceitar a hierarquia de *status* acadêmico que atualmente está sendo instalada, que lembra o antigo sistema de estrelas de *Hollywood*, é possível gerar nossos próprios sistemas de reconhecimento “de baixo”, com diferentes tipos de academia de “filmes de arte”, para permanecer com essa analogia, incluindo uma diversidade de redes de pesquisa que podem ou não atingir o estrelato, mas das quais gostamos e que acreditamos fazerem um trabalho bom e útil. É possível rejeitar a lógica de que “o vencedor leva tudo” que parece estar percorrendo as universidades hoje em dia; orientar-nos uns pelos outros, ao invés de nos permitir que sejamos seduzidos pelo “olhar centrípeto” focado no estrelato acadêmico. ■

> Tornando-se uma Celebridade: De Professor de Sociologia a Guru Culinário

por Vedat Milor, Istanbul, Turquia



Vedat Milor, guru culinário – não tão feliz assim com a sua comida.

Pode-se pensar que aquele rapaz na tela da televisão na minha frente está observando uma reunião espiritual, e encontra-se em uma reza profunda. Ele segura sua cabeça com suas duas mãos, e seus olhos semicerrados estão focados em um ponto fixo. Subitamente, seu celular cai de seu bolso para o mar. Há alguma comoção. Agora, a câmera foca um homem esbelto, sem dois de seus dentes frontais, vestindo um

aventual de chefe de cozinha. Ele está gritando para os garçons recuperarem o celular. Estranhamente, nosso camarada não tem consciência do infeliz acidente. Ao invés disso, ele se vira para o esbelto chefe e questiona: “Por que você usou vinagre de cidra nesse prato, ao invés de vinagre de xerez?”

Não pude ajudar, apenas rir. Vejo-me com uma mistura de descrença e divertimento. Não se trata de um “reality show”, contudo. Esse é o

único programa gastronômico na TV que sei que é transmitido em horário nobre e nos finais de semana por uma emissora de importância na Turquia, a NTV. Sou a estrela do show; visito restaurantes, experimento uma variedade de pratos, julgo a qualidade dos ingredientes e as combinações de sabores, expresso críticas e demandando explicações aos chefes. Caso o restaurante possua uma carta de vinhos, peço igualmente que me sirvam um copo por cada prato e emito

>>

minha opinião sobre a qualidade do vinho e o relativo sucesso da harmonização.

Viajo com dois câmeras e um produtor do canal. Visitamos restaurantes localizados majoritariamente na Turquia, mas já estivemos em Roma, Catalunha, Geórgia, Síria e Líbano. No final de cada visita a um restaurante, concedo uma avaliação geral de dois ou três minutos e então classifico o restaurante conferindo-lhe estrelas. Essas estrelas variam de uma a cinco. Os restaurantes que eu ranqueio com quatro ou cinco estrelas tornam-se usualmente muito sofisticados e acabam afastando muitos clientes, mesmo se eles estavam quase vazios antes de minha visita.

Sou um chefe? Não. Mal posso quebrar um ovo. Sou uma celebridade? Sim. As pessoas me reconhecem nas ruas e solicitam uma foto comigo o tempo todo. Escrevem sobre mim em muitos fóruns da internet. Especulam infundavelmente sobre minhas motivações, sobre o meu caráter, e são muito curiosos a respeito de minha vida privada. Continuo a receber cartas de colegas estudantes perguntando-me “como podemos nos tornar como você”, e dos pais de estudantes do ensino médio requisitando-me a escrever algo para seus filhos, uma vez que sou seu “ídolo” e que eles almejam se tornar “Vedar Milor” quando crescerem!

Mas quem sou eu? Como tudo isso aconteceu? Quando olho 30 anos para trás, vejo um impaciente estudante de graduação de primeiro ano, ingressando na casa do departamento de Sociologia de Berkeley após seu curso de graduação em Economia pela Universidade de Bósforo, Turquia. Estava fascinado por Sraffa, o neo-keynesianismo, Althusser e por marxistas estruturais

franceses. Mas em Berkeley esse aluno “descobriu” o método etnográfico e interessou-se por “estudos de caso em profundidade” para compreender as dinâmicas da mudança social. Seu conselheiro PhD, Michael Burawoy, convenceu-o de que uma metodologia comparativa torna mais fácil desenvolver um modelo teórico para se compreender e desenvolver questões sobre a “autonomia” do Estado em uma economia capitalista dependente como a Turquia. Consequentemente, após alguma deliberação analítico-metodológica, escolheu comparar os planejamentos econômicos turco e francês posteriores à Segunda Guerra Mundial, com o fim de elucidar diferenças estruturais na autonomia de Estado e nas relações de classe em países “centrais” e “periféricos”.

A essa altura, fico tentado a pleitear a “inocência” e dizer que a descoberta do e o fascínio pelo vinho francês foram “consequências não intencionais” de minha escolha da França como o modelo típico-ideal de uma economia dirigista. Mas não. Não se tratou disso. Eu já havia sido picado pelo inseto do ótimo vinho de Borgonha após pagar dez dólares por um Henri Jayer Bourgogne no Mercado de Vinhos Kermit Lynch, em Berkeley. Eu não podia arcar com os gastos de um rádio em meu quarto na Casa Internacional, mas estava bebendo um bom vinho. Beber um bom vinho de Borgonha, para mim, era uma experiência profunda e assombrosa. Um bom vinho de Borgonha vermelho possui um aroma multifacetado, uma natureza inconstante que cintila e desafia as papilas gustativas e uma textura feminina elegante com um retrogosto surpreendentemente temperado e robusto. É tão complexo e sensual que incorpora tudo que prezo na civilização ocidental democrático-burguesa

e refinada, em comparação com o puritanismo cultural estupidificante dos anos Reagan na América e do regime militar do General Kenan Evren na Turquia.

“Mas por que você está comparando a França com a Turquia?”, perguntou-me a senhora que veio ao campus para me entrevistar para a irmandade de dissertação de Fulbright. Ainda me recordo da expressão de choque em sua face quando ela ouviu minha resposta: “vinho e comida”! Ela deve ter concordado comigo, já que conquistei minha filiação na irmandade. Também fui sincero em minha afirmação. Malcolm Gladwell, em seu popular livro *Discrepantes: A História do Sucesso*, formula uma regra de 10mil horas de certo modo arbitrária, mas plausível. Muitas pessoas nascem com talentos inatos, mas para fazê-los florescer é preciso ser um *workaholic* e haver despendido 10mil horas em sua vocação. Bem. E quanto à regra de 10mil garrafas de vinho? Eu certamente cheguei perto disso entre 1985 e 1990, uma vez que ingressei em vários clubes e grupos de degustação enquanto estive na pós-graduação.

Os anos que se seguiram passaram em uma velocidade relâmpago. Ingressei no Banco Mundial como um economista político, mas quando minha dissertação conquistou o “prêmio de melhor dissertação” na Associação Sociológica Americana, em 1990, fui novamente levado à vida acadêmica. Lecionei na Universidade Brown e na Tecnológica da Geórgia, obtive uma Licenciatura em Direito por Stanford e me elegi para a Ordem da Touca. Cheguei a passar um ano acadêmico no Instituto para Estudos Avançados e tive o privilégio de me situar próximo de uma das maiores mentes do século

XX, Albert Hirschman. Também passei um tempo no Vale do Silício, em empresas iniciantes.

Ainda assim, especialmente após a experiência no Vale do Silício, eu nunca mais me senti atraído pela vida acadêmica. Minha participação em um projeto no Departamento de Políticas Públicas na Tecnológica da Geórgia sobre “como incrementar a eficiência no uso de consultores externos pelo Departamento de Transportes da Geórgia” foi “a palha que quebrou as costas do camelo”. Não estava interessado em me tornar um tecnocrata. Não compartilhava interesses similares com meus colegas. Tive que buscar alternativas.

Um amigo de meus anos no Banco Mundial em Washington D.C. tornou-se o editor geral de um jornal diário de reputação, o *Milliyet*, na Turquia. Ele procurava alguém com um bom conhecimento em vinho e comida e uma reputação de integridade. Perguntou-me se eu poderia redigir uma coluna bissemanal em seu periódico. Desde então, estive em uma montanha russa.

Existe uma explicação teórica para a minha popularidade? Acredito que sim. As dinâmicas que trouxeram fama e popularidade para mim são similares às aquelas que levaram o Partido da Justiça e do Desenvolvimento (AKP) ao poder em 2002. A aliança secular dominante entre a elite burocrático-militar e o fragmento monopolístico da alta

burguesia perdeu seu controle sobre a política e a economia. Auxiliada e instigada pela violenta corrupção política e por uma severa crise econômica, a versão da AKP para o populismo islâmico prometeu equidade e transparência. O partido beneficiou-se dos rachas ocorridos no bloco dominante e encontrou apoiadores entre fragmentos monopolísticos do capital. Também mobilizou segmentos marginalizados da burguesia anatoliana, comerciantes urbanos, empreiteiros, membros educados da juventude conservadora e as dilatadas massas pobres urbanas.

Fico espantado quando noto o quão popular é meu programa na Anatólia e entre os pobres urbanos. Evidentemente, pessoas educadas que podem gastar comendo fora de casa estão entre meus seguidores, mas como se explica a popularidade entre massas urbanas marginais e, especialmente, entre a juventude? Eu fui certamente auxiliado pelo meu status de “outsider”. Não era parte das conexões *old boys*¹ da indústria de comida e bebida, e me coibi de alianças próximas com grandes *restauranteurs* e com a indústria alimentícia.

Mas creio que exista mais um fator de importância explicando minha popularidade entre a juventude. O elemento repressivo puritano, sempre presente na cultura islâmica, foi realçado desde a ascensão do AKP ao poder. Quando esse viés repressor

contra os prazeres sensuais é unido à feroz repressão política atual contra oponentes, os jovens, em particular, voltam-se para dentro de si e se refugiam em suas ricas imaginações. A intolerância a formas coletivas de protesto e a censura severa dos meios de comunicação gera medo, mas também estimula a imaginação. Pessoas jovens percebem a política como “suja” e a vida econômica como “imunda”. Estão bem cientes dos sacrifícios exigidos sobre sua integridade para serem “bem sucedidos” na vida. Uma pessoa aparentemente relapsa a respeito da idade de seu pai, que parece deter um amor glorioso pela comida e pelo vinho, é um *alter ego* fascinante. Contra o pano de fundo de uma existência desoladora e aspirações extraordinárias, uma aventura perpétua na busca pelo “sabor” é a coisa mais gratificante que a vida tem a oferecer.

Talvez eu seja seu “Jayer de Borgonha”, permitindo-os redobrar suas energias psíquicas e liberar suas sensualidades reprimidas em um ambiente sociocultural e econômico hostil. Esse “idealismo retorcido” da juventude marginal de classes transversais é o outro lado da “cultura de celebridades” e do *status* da celebridade como um “ídolo”. Não se pode compreender esse fenômeno sem ecoar Marx: “a morte da cultura de celebridade deve ser a emancipação das celebridades”. ■

¹ NT: Conexão de negócios entre estudantes, formada apenas por homens de escolas privadas.

> A violência das Esmeraldas

por Johanna Parra, Universidade de Icesi, Cali, Colômbia



Nenhum país tem mais esmeraldas do que a Colômbia. Famílias em conflito fizeram da mineração um negócio violento exercido sob as condições mais perigosas. Aqui, um homem conta as suas bênçãos. Foto por Jan Sochor.

A violência entre facções na Colômbia se tornou um objeto de análise sociológica, particularmente entre a especialidade conhecida como violentologia. Este ramo da sociologia colombiana foi inicialmente dedicado ao estudo do período histórico colombiano chamado *La Violencia* (1945-1965), baseado no livro seminal *La Violencia en Colombia, Estudio de un Proceso Social* (1962) de Germán Guzmán Campos, Orlando Fals Borda e Eduardo Umaña. Esta obra, construída sobre o conceito de “pobreza estrutural”, consiste numa explicação sociológica da agitação que causou a violência civil. Um evento particular – o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, caudilho

do Partido Liberal, em 9 de abril de 1948 – transformou a constante violência que era presente no imaginário social e político em algo bem real. Mas a causa subjacente da dissolução do “corpo social” reside na ausência de uma unidade simbólica Estado-Nação.

Diversos poderes políticos, militares e religiosos instigaram as massas a pegarem em armas e enfrentarem seus oponentes partidários numa batalha até a morte. Os partidos Liberal e Conservador são as formações políticas colombianas historicamente tradicionais, herdadas das Forças da Independência (1810-1830) que deram origem à nação. A violência tem estado enraizada no cotidiano do Estado-Nação, desde a

independência até o presente. Entre 1863 e 1886 ocorreram nove grandes guerras civis que estabeleceram as bases das lutas entre facções e as raízes da violência no século XX, transmitidas de geração para geração até os dias atuais, como Daniel Pécaut claramente explicou em *Order and Violence*.

A violentologia estendeu seus estudos para toda violência através do tempo e espaço, fazendo-se central para as ciências sociais na Colômbia e para a compreensão da sociedade e história colombianas. Na realidade, ainda há muito a ser feito: nós precisamos produzir trabalhos historiográficos e etnográficos que tornarão possível entender a violência incorporada na vida cotidiana. Meu trabalho pretende

>>

ser uma contribuição para esta tarefa.

Não só os confrontos militares gerados por *La Violencia* transformaram o país em sangue e fogo, mas a extrema barbaridade das atrocidades normalizou a violência como parte da vida cotidiana. No final de *La Violencia*, durante a Guerra Fria dos anos de 1960 e 1970, diferentes grupos pegaram em armas para fundar movimentos guerrilheiros marxistas. Um deles, FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) proveniente das facções armadas do Partido Liberal, está ativo ainda hoje. Por outro lado, as forças paramilitares derivam da reativação das milícias do Partido Conservador e da privatização das forças armadas e de segurança estabelecidos por traficantes de drogas. Os conflitos armados sem fim, e a própria natureza da ação militar e de confronto, implantando terror e atrocidades sistemáticas, criaram um grande número de pessoas deslocadas. A violência está tão arraigada na vida cotidiana que invade as relações íntimas e provoca divisões irreconciliáveis entre – e mesmo dentro – das famílias, criando silêncios dolorosos que são transmitidos através de gerações.

Deixe-me voltar à minha pesquisa na região das Esmeraldas, localizada em um território isolado nos Andes

oriental, onde cerca de 80.000 habitantes vivem a cerca de 40 km de Chiquinquirá, a capital da província do Departamento de Boyacá. Em apenas dez anos, esta região experimentou a passagem de uma economia campesina para uma economia de mineração. Ela produziu riqueza excessiva para poucos habitantes que se aventuraram nas minas em busca de esmeraldas valiosas. A transformação da economia regional fraturou os grupos familiares campesinos, trazendo novas alianças de parentesco. Estas novas associações entre as famílias mais ativas no negócio da esmeralda têm exigido a colaboração de empresários e guardas de segurança, no interior destes mesmos negócios familiares. Isto consolidou as famílias da máfia dentro de uma tradição camponesa em que os valores de família, honra, sangue e lealdade são fundamentais para a gestão da economia, assim como Anton Blok descreveu em *The Mafia of a Sicilian Village, A Study of Violent Peasant Entrepreneurs* (1860-1960).

Como o Estado colombiano falhou em administrar e proteger as minas contra habitantes violentos em busca de esmeraldas, na década de 1970 as minas foram capturadas pelos patrões e padrinhos, ou Dons, como são chamados na língua local.

No período entre 1960 e 1991 houve duas “Guerras das Esmeraldas” em que os patrões lutaram pelo controle da exploração mineral. Como resultado, ao menos 5.000 pessoas morreram na região. Em 1991, as guerras terminaram com um tratado de paz acordado pelos Dons que sobreviveram. Os conflitos entre os comerciantes de esmeraldas não desapareceram, entretanto, e temos que acrescentar a isto o surgimento do tráfico de drogas e de grupos paramilitares. Estes novos elementos que apareceram na região colocaram essas famílias controladoras em contato com as economias ilegais e os exércitos privados, o que intensificou a cultura endógama da violência.

Características semelhantes podem ser encontradas em outras regiões da Colômbia. A violência entrou para os domínios mais privados, nas relações domésticas e na educação dos filhos; tudo isso é resultado do boom econômico e da falta da regulação estatal. Embora isto seja moralmente e politicamente desencorajador, também dá uma nova urgência à necessidade de trabalhos de campo nas ciências sociais para entender e divulgar os padrões de conflito, sublinhando a necessidade de intervenção estatal. ■

> Restituição de terras na Colômbia

Por Nadia Margarita Rodríguez, Universidade de Rosário, Bogotá, Colômbia



Mais de 4 milhões de camponeses colombianos, como este homem de idade, foram forçados a abandonar suas terras nos últimos quinze anos. Foto por Vasques Julián.

A controvérsia sobre a restituição de terras na Colômbia começou com a promulgação da Lei 1448, também conhecida como Lei das Vítimas, em 10 de junho de 2011. Foi um marco histórico dado os enormes desafios políticos, econômicos, sociais e legais colocados pela restituição de terras e dado o reconhecimento explícito do estado de conflitos armados. O capítulo três, em particular, estabelece a restituição de terras para os camponeses que foram expropriados de suas terras nas duas últimas décadas, como parte do

conflito armado em curso que tem afetado a Colômbia nos últimos 50 anos. O capítulo é controverso porque o governo o apóia fortemente, o que pode ser lido como uma tentativa de compensar 50 anos de negligência à questão. Apesar de todos os esforços, tem havido inúmeros obstáculos para a implementação da lei.

A questão da restituição de terras na Colômbia deve ser entendida à luz da alta concentração de propriedade fundiária, um dos principais problemas enfrentado pelo desenvolvimento rural. Muitos

>>

analistas afirmam que isto não é só a base de profundas desigualdades econômicas, políticas e sociais, mas é também uma das principais fontes de sangrentos conflitos na Colômbia (Fajardo 2002, Machado 2009, PNUD 2011). A concentração de terras leva a uma estrutura agrária bimodal com a maioria das terras produtivas pertencendo a uma pequena minoria de elites econômicas e políticas¹. Esta tem sido a estrutura dominante desde os tempos coloniais e só piorou ao longo do tempo. Depois de tentativas fracassadas de reforma agrária ao longo do último século, especialmente em 1936 e 1961 (Molina, 2000: 36), grupos armados emergiram na década de 1960 exigindo a redistribuição de terras. Assim, grande parte da Colômbia rural está em estado de crise semi-permanente em que os atores legais e ilegais travam uma guerra pelo controle do território, o que levou ao sistemático, violento e maciço deslocamento de quatro milhões de camponeses. Assim, o desafio enfrentado pelas instituições responsáveis pela restituição de terras é de proporções titânicas.

A situação é complexa, tanto por conta das limitações legais quanto devido ao contexto social em que a restituição de terras deve ocorrer. O Centro de Estudos de Desenvolvimento Social da Universidade de Rosário faz uma abordagem interdisciplinar (combinando Direito e Ciências Sociais) para entender os desafios da implementação da lei. Uma parte deste projeto realiza uma pesquisa para a Unidade de Restituição Legal² – pesquisa que gira em torno de cinco complexas questões:

- Primeiro, os conflitos armados

continuam nas zonas destinadas à restituição de terras, o que torna difícil para o estado garantir que camponeses não serão destituídos de suas terras novamente. O desafio para o estado colombiano é garantir a segurança dos camponeses dando fim ao conflito armado.

- Em segundo, de acordo com a lei, a restituição é definida como dar títulos ou compensações, o que não significa compensação por qualquer dano causado à terra ou indivíduos e não restaura o *status quo* anterior. Conseqüentemente, esta política não pode se limitar a devolver os direitos sobre a terra, mas deve fazer o possível para que as vítimas possam viver com dignidade nessas terras. Além disso, a desapropriação envolveu inúmeras violações de direitos humanos, deixando vítimas com traumas profundos e, portanto, tornando mais difícil para elas retornarem às terras. Em suma, as vítimas precisam de apoio para além da esfera legal.

- Em terceiro, camponeses expropriados de suas terras e atualmente vivendo em áreas urbanas são menos suscetíveis a quererem voltar para as áreas rurais, dada a extrema desigualdade no desenvolvimento, educação e saúde. A expropriação de terras rasgou o tecido social e será difícil para essas comunidades se reconstituírem.

- Em quarto lugar, os apoios econômicos, técnicos e produtivos serão necessários se os proprietários de terra vivem de suas terras, em vez de serem forçados a alugar ou vendê-las àqueles que, atualmente estão lá, em sua maioria companhias agro-industriais.

- Em quinto, existem desafios legais

e institucionais a serem enfrentados, como a formação de funcionários públicos para realizarem a restituição, a formação de juizes agrários (inexistentes na Colômbia). O estado vai ter que provar que a usurpação realmente aconteceu. Isto levanta importantes questões: como o estado vai obter a terra que pretende restituir, uma vez que a maioria delas está em outras mãos e que a lei exonera os compradores?

Finalmente, há um problema estrutural político mais amplo: o conflito entre as elites nacionais e regionais pelo o controle do território, que envolve um choque de interesses econômicos na exploração de seus recursos naturais sobre e abaixo do solo. Casos emblemáticos de restituição de terras, como Curbaradó, Jiguamindó ou Hacienda Las Pa-vas, mostram que, mesmo se os desafios legais forem resolvidos, as configurações de poder no nível local podem impedir a restituição de terras que está sendo levada a cabo. ■

¹ O índice Gini de terras mede o grau de concentração da propriedade rural. Quanto mais próximo do número 1, maior é a concentração. Em 0,87 o índice colombiano está entre os mais altos do mundo.

² Esta é a Instituição criada por lei para realizar a restituição de terras. Ela existia anteriormente como Programa para a Proteção de Terras e de Pessoas Espoliadas (PPTP), teve, contudo, diferentes dinâmicas, objetivos e não tinha nenhum suporte político ou jurídico que a Unidade tem hoje.

Referências

- Fajardo, D. (2002) Para sembrar la paz hay que aflojar la tierra. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.
- Machado, A. (2009) La reforma rural, una deuda social y política. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, CID.
- Molina, P. (2000) "Reforma agraria? No es tan claro para qué el país la necesita." *Economía Colombiana* 278: 34-7.
- PNUD (2011) Colombia Rural: Razones para la esperanza. Informe de desarrollo humano 2011. Bogotá: INDH PNUD.

> O movimento estudantil no Chile

por Milton L. Vidal, Universidade Acadêmica do Humanismo Cristão, Santiago, Chile



O movimento estudantil chileno contra o neoliberalismo: "Nosso futuro não está à venda"

O Chile é um pequeno país no extremo sul. De acordo com a visão de mundo dominante na cartografia, você pode nos encontrar na ponta da América do Sul. É um lugar que atrai notícias internacionais ao longo do tempo. Em 2011, um movimento liderado por estudantes de faculdades e colégios se tornou cada vez mais proeminente na cena internacional já repleta de protestos sociais.

Nós somos parte da região mais desigual do mundo. Um terço da população vive na pobreza, sofrendo de velhas e novas formas de violência, abuso, corrupção e desperdício de recursos escassos. Nesse contexto, homens e mulheres se organizam de diferentes formas para lutar por seus sonhos, exigir

respeito por seus direitos fundamentais, exigir que seus governantes cumpram suas promessas e tomem decisões que favoreçam o bem comum. Isto, certamente, também é verdade no Chile. Há muitas fontes de insatisfações que teriam forçado os latino-americanos a tomar as ruas às quais de que muitos são mais óbvios que os direitos sociais dos estudantes secundaristas ou universitários.

Por que, então, esses protestos começam no Chile? Por que eles são percebidos como legítimos por muitos países? Simples, a promessa neoliberal já havia estourado. De fato, a promessa de disponibilizar a educação superior para todos tomou a pior virada possível? Um aumento nas matrículas só foi possível na medida em que os estudantes e suas famílias entraram em débito. As taxas universitárias estão dentre as mais altas do mundo e a maioria delas são pagas

por crédito. Em termos sociológicos, em um país onde a distribuição de renda é brutalmente desigual, é especialmente importante que nós concebemos a educação superior enquanto um bem público e um fato decisivo de mobilidade social.

O investimento dessas famílias no ensino superior privado está entre os maiores da América Latina e as taxas universitárias ainda estão em ascensão. Os limites desse crescimento serão definidos pelo poder aquisitivo das famílias. Em suma, aqueles relativamente ricos pagam pela melhor educação básica (ensino fundamental e médio) e se beneficiam das melhores universidades (admitidos com base na pontuação nos exames e/ou poder aquisitivo), enquanto aqueles com recursos mais baixos e uma educação básica medíocre precisam fazer sacrifícios substanciais para atender

instituições duvidosas e de alto custo. Assim, o protesto por uma melhor educação é uma afirmação contra a desigualdade social.

Surpreendendo muitos, o movimento social em defesa da educação pública liderado por estudantes decolou e ganhou força semana a semana. O conteúdo das demandas, a força social que estava mobilizada e legitimada e a solidariedade internacional não estão confinados no Chile. Ao contrário, movimentos em defesa da educação pública também têm sido bem sucedidos no Uruguai, Bolívia, Brasil, Porto Rico, Equador e Colômbia. Não obstante, é útil para uma discussão e reflexão internacional pontuar algumas características do caso chileno.

Primeiro, as universidades ainda são um barômetro da vida social. Insistir nessa constante histórica pode ser ingênuo, mas é com frequência esquecido. Políticos que deveriam estar levando adiante reformas profundas na universidade se atrasam porque pensam o ensino superior enquanto uma questão marginal, enquanto as lideranças econômicas pensam que o déficit educacional pode ser resolvido injetando recursos do setor público, dos bancos, famílias ou tudo junto. Grande engano! Universidades têm sido sempre muito mais do que uma política pública. Todas as maiores mudanças sociais são, de alguma forma, ligados às universidades. Enquanto estamos pensando no exílio judaico do império Persa de Nebuchadnezzar, os debates políticos da Academia de Platão, os debates a respeito da reforma protestante com as teses luteranas e traduções da bíblia para o alemão, o calvinismo Universidade de Genebra, o Irã pré e pós Khomeini, a China antes da República Popular da China, a revolução cultural ou a Praça Celestial, o México antes e depois do massacre de Tlatolco, as universidades são e continuarão sendo instituições globais de grande poder social e político. Assim, elas precisam sempre ser um objeto de atenção sociológica.

Segundo, a educação em todos os se-

us níveis, mas particularmente no nível universitário, não pode ser submetido a uma tensão polarizada entre Estado e mercado. Humboldt estava certo quando argumentou a muito tempo atrás que as intervenções estatais entram no caminho da educação. Latino-americanos sabem que o Estado sempre o incorpora que se expressa sob a forma da burocracia. Sociólogos da educação sabem que a parte mais onerosa das reformas está realizando-as. Não obstante, até mesmo Humboldt argumentou que nós não podemos fazer sem o Estado por completo. Nós precisamos exigir que o Estado assegure as condições institucionais para a educação. Nós também precisamos disto para manter a Universidade de se tornar um campo de batalha de interesses individuais. Nesse sentido, a educação é um bem público e universidades são instituições públicas, mesmo que elas sejam financiadas de forma privada. Suas funções de ensino, pesquisa e alcance são essencialmente públicas. Suas prerrogativas de dar diplomas são baseadas na fé que a sociedade possui nelas.

Terceiro, o movimento estudantil no Chile e de forma mais geral na América Latina, rejeitam a mercantilização da educação. A lógica organizacional de uma economia do mercado é incompatível com aquele do treinamento científico. Deixe-nos observar a colaboração entre estudantes e professores de forma mais detida. Educação é sempre o resultado de esforços coletivos. Isto não pode ser comprado e por isso não pode ser mercantilizado. Estudantes podem apenas se tornar instruídos através de suas participações ativas em atividades científicas. É por isto que nós os incentivamos a se tornarem envolvidos em seminários de discussão para estudantes. A ideia de que professores e estudantes são compradores e vendedores não é apenas enganosa (e precisa ser desafiada para além de razões ideológicas), é um obstáculo para atingir a meta da educação. Eu considero apavorante que colegas na academia aceitam a visão que seus estudantes são *clientes*. Estudantes requerem liberdade acadêmica, que depende

da liberdade que possuem dos seus professores. No entanto, essa liberdade acadêmica está erodida pela economia do mercado. Se professores são considerados *fornecedores de serviços*, que são funcionários e dependentes que possuem a instituição da educação superior, eles, em contrapartida, usarão seus estudantes para avançar em seus interesses limitados.

Finalmente, nós precisamos dizer que os protestos estudantis são boas notícias para sociedades, universidades e sociólogos. A universidade é um lugar onde a sociedade se transforma em um tópico de pesquisa e, no processo, se reafirma. Sempre houve interesses e lutas por poder nessa autoconsciência que tem ameaçado a liberdade acadêmica. Contudo, tais forças não tem sido capazes de destruir a universidade. É assim como devemos olhar para o movimento estudantil no Chile, através do Chile na América Latina e no mundo. Eu penso que a persistência do movimento beneficia uma sociedade democrática. Sociedade e universidade estão, mais uma vez, fortemente ligadas por esse movimento estudantil, fornecendo um estimulante contexto para a sociologia. Aqueles que dizem que a narrativa sociológica está em declínio estão errados. A sociologia está com boa saúde na parte sul do mundo e eu espero que estas notícias irão animá-los, leitores pacientes. ■

¹ O Chile é um país emergente da OCDE. Segundo esta organização, o Chile tem uma pontuação de Gini de 0,50, que representa a maior desigualdade entre os países nesta categoria (Society at a Glance, Indicadores Sociais, OCDE, 2011). Este ponto pode ser ilustrado ainda mais: a renda média dos 10% mais ricos dos chilenos é superior ao da Noruega, enquanto a dos 10% mais pobres é semelhante ao da população da Costa do Marfim. A maioria dos chilenos (60%) tem, em média, uma renda menor do que angolanos.

> Reunião do Comitê Executivo em Beirute, 19 a 23 de março de 2012

por Michael Burawoy, Universidade da Califórnia, Berkeley, e Presidente da ISA



Em seu encontro anual, o Comitê Executivo da ISA reuniu-se por cinco dias na Universidade Americana de Beirute (AUB), generosamente hospedado pelo Professor Sari Hanafi e seus colegas do Departamento de Sociologia. Dois de nossos dias de encontro coincidiram com um maravilhoso simpósio internacional sobre “As Insurreições Árabes” (relatado nessa edição da *Diálogo Global*), patrocinado pela AUB, pela Associação Sociológica Libanesa e Friedrich-Ebert-Stiftung, e estruturado por oradores de todo o Mundo Árabe, apresentando perspectivas comparativas com outras regiões.

A maratona de cinco dias começou com reuniões separadas do Comitê de Programa para o Congresso de Yokohama em 2014, presidido pela Vice-Presidente Raquel Sosa, o Comitê

de Publicações, presidido pelo Vice-Presidente Robert Van Krieken, o Comitê de Coordenação de Pesquisa, presidido pela Vice-Presidente Margaret Abraham, e o Comitê de Relacionamento Nacional, presidido pela Vice-Presidente Tina Uys.

O Comitê Executivo encontrou-se de forma unificada por dois dias, no final da semana. relatei minhas diversas viagens por diferentes partes do mundo e o progresso obtido durante o ano com relação à ISA-online (conferir o editorial). Uma de nossas tarefas mais urgentes foi decidir onde sediar o Congresso Mundial da ISA de 2018. Recebemos cinco excelentes propostas de Budapeste, Copenhague, Melbourne, Saragoça e Toronto. Nós pré-selecionamos duas – Toronto e Saragoça – e tomaremos uma decisão final durante uma visita no último local mencionado. Iniciamos nossa filiação ao Conselho

Membros do Comitê Executivo da ISA msiturando sociologia com iguarias libanesas. Foto por Markus Schulz.

Internacional para a Ciência (ICSU). Com base no relatório de um subcomitê, discutimos a possibilidade de inaugurar prêmios e recompensas da ISA e decidimos investigar os detalhes de um prêmio internacional, reconhecendo a pesquisa e prática da sociologia. Seguem relatórios dos vice-presidentes individuais.

> Margaret Abraham, Vice-Presidente de Pesquisas

O Comitê Coordenador de Pesquisas (RCC) teve um encontro extremamente produtivo em Beirute. Discutimos as seguintes questões: a situação das revisões de estatuto dos Comitês de Pesquisa e Grupos Temáticos e de Trabalho; as atividades de todos

>>

os Comitês de Pesquisa, Grupos Temáticos e Grupos de Trabalho entre 2006 e 2010; e o segundo Fórum de Sociologia da ISA em Buenos Aires, que ocorrerá em agosto de 2012.

Uma parte importante do encontro foi dedicada à discussão das preparações em andamento para o Fórum. Recebemos 6.019 resumos de 7.928 autores para um total de 693 sessões (sendo 51 em espanhol). Recebemos submissões de todo o mundo, incluindo uma forte representação (3.528 ou 45% do total) da América Latina.

Embora esperássemos uma elevada participação, os números serão reduzidos devido ao clima econômico de dificuldades. Trabalho com o Sage para criar um espaço virtual de acesso livre com o fim de disseminar e trocar conhecimento e pesquisa sobre assuntos ligados à temática do Fórum – *Justiça Social e Democratização*. Mais informações serão disponibilizadas em breve!

O informe e as discussões sobre as revisões dos estatutos dos Comitês de Pesquisa, Grupos Temáticos e Grupos de Trabalho apontaram que alguns Comitês e Grupos ainda precisam submeter seus estatutos revisados. Tais revisões precisam estar bem completas antes das próximas eleições. Discutimos igualmente a necessidade de os conselhos dos Comitês e Grupos revisarem sua composição, especialmente no que tange ao tempo de cargo. Alguns conselhos precisam dar passos ativos para encontrar novos membros que ocuparão os cargos na próxima eleição.

O Comitê Coordenador de Pesquisas revisou a concessão de requerimentos. Um total de US\$ 16.900,00 foi alocado para dezoito Comitês de Pesquisa e Grupos Temáticos e de Trabalho em 2011, e 8.660,00 euros para treze desses Grupos e Comitês em 2012. Jennifer Platt, Vice-Presidente de Publicações, agregou as diretrizes para os periódicos do Comitê de Pesquisa,

e essas foram disponibilizadas online: http://www.isa-sociology.org/about/rc_aims.htm.

Por fim, os relatórios de atividades submetidos por Comitês e Grupos entre os períodos de 2006-2008 e 2008-2010 foram revisados e discutidos. A maioria dos Grupos e Comitês esteve ativo, organizando conferências, publicando boletins e realizando outras atividades profissionais. Um formulário revisado de Atividades Grupos e Comitês foi designado para apreender os dados de modo mais eficiente e consistente entre Comitês de Pesquisa, Grupos de Trabalho e Grupos Temáticos.

**> Jennifer Platt,
Vice-Presidente de Publicações**

Sujata Patel, editora dos Estudos Sage em Sociologia Internacional (SISS), concordou com os editores da Sage em produzir livros na Índia, a serem vendidos a preços indianos para membros da ISA e compradores do mundo em desenvolvimento, enquanto os grandes livros de mão de capa dura ainda estarão disponíveis em livrarias ocidentais a preços ocidentais. Essa resolução foi aprovada calorosamente.

Concordou-se em se oferecer às associações nacionais a oportunidade de reeditar em sua língua (com seu auxílio) quaisquer artigos da *Sociologia Atual* (CS) ou da *Sociologia Internacional* de especial interesse para elas, sem o pagamento da usual taxa de permissão. A CS deverá produzir um tema adicional por ano, que consistirá em artigos revisados extraídos da Sociopédia.

Foi adotada a política de que os editores de periódicos e o Vice-Presidente devem providenciar algumas atividades relacionadas às publicações em todos os eventos da ISA; talvez uma sessão de “conheça os editores”, uma oficina sobre a redação de artigos, ou uma reunião com editores locais. Também irão comparecer às

principais conferências de cada ano para divulgar nossos periódicos, observar novos desenvolvimentos, e recrutar novos autores, julgadores e revisores de livros.

**> Raquel Sosa,
Vice-Presidente de Programa**

É um prazer informar aos colegas que o recente encontro do Comitê de Programa para o Congresso de Yokohama (2014), em Beirute, foi um grande sucesso. O tema para tal Congresso é *Encarando o Mundo Desigual: Desafios para a Sociologia*. Nós já divulgamos uma chamada de artigos e organizadores de sessões com um prazo até 15 de janeiro de 2013. Isso pode ser verificado no sítio da ISA: <http://www.isa-sociology.org/congress2014/>. Estamos ansiosos para receber propostas para sessões *ad hoc* e integrativas, tal como para sessões de *autores encarando os críticos*. Gostaríamos que os membros considerassem essa uma excelente oportunidade para participar daquilo que se tornou o debate internacional sobre questões sociais mais transcendental de nossa época! Uma vez que muitos membros da ISA desenvolveram a maior parte de suas vidas profissionais para se debruçar sobre questões relacionadas à pobreza, desigualdade e injustiça, esperamos que nosso Congresso de Yokohama traga uma contribuição significativa tanto para o conhecimento quanto para a prática social.

O Comitê de Programa concordou em preparar dez sessões de semiplenárias sobre os seguintes tópicos: configurações de desigualdades estruturais; desigualdades e estruturas de poder; produção e prática da desigualdade; feridas sociais das desigualdades; concepções de justiça de diferentes tradições históricas e culturais; justiça e sistemas sociais; superação de desigualdades; atores e experiências; justiça ambiental e um futuro sustentável; e sociologia e desigualdades. Participantes virão de diversas tradições e de todas as partes do mundo. Esperamos que

>>

essas semiplenárias, em conjunto com as sessões dos Comitês Presidencial e de Organização Local, encantem nossos colegas e contribuam para a renovação das ciências sociais mundiais no século XXI.

> **Tina Uys, Vice-Presidente de Associações Nacionais**

Discutimos e clarificamos os critérios para filiação coletiva regular da ISA. De acordo com os procedimentos da Instituição, membros coletivos regulares são admitidos graças a uma decisão do Comitê Executivo em consequência de uma recomendação do Comitê de Relacionamento com Associações Nacionais e do Comitê de Finanças e Filiações. Os estatutos de membros coletivos regulares devem estar alinhados com os artigos 1 e 2 dos Estatutos da ISA:

- Membros coletivos regulares precisam estar em associações sem fins lucrativos e serem direcionadas a fins científicos que representem sociólogos, independentemente de sua escola de pensamento, aproximação científica ou opinião ideológica.
- O objetivo dos membros coletivos regulares deve ser o avanço do conhecimento sociológico. Sua estrutura deve reconhecer as aspirações dos sociólogos e empenhar-se no apoio e fortalecimento do desenvolvimento livre da sociologia por atividades variadas, como a hospedagem de conferências e a promoção de publicações.
- Os oficiais de membros coletivos regulares devem ser eleitos por meio de um processo democrático regular.

Conferimos o novo processo desenvolvido para considerar os requerimentos para Filiação Coletiva Regular recebidos entre as reuniões anuais do Comitê Executivo. A Associação Eslovena de Ciência Social solicitou a filiação regular coletiva na segunda metade de 2011. Tal solicitação foi avaliada por um processo *online*, tendo sido aprovada. O

requerimento da Associação Sociológica e Antropológica de Uganda foi aprovado durante a reunião. A ISA conta atualmente com 60 membros regulares coletivos, mas nem todos pagaram as taxas de filiação e portanto, lamentavelmente, não se encontram em uma boa situação.

Com base nos critérios estabelecidos na reunião do Comitê de Relacionamento com Associações Nacionais ocorrida no México, em 2011, concessões para oficinas regionais foram concedidas a associações sociológicas de Bangladesh, Bulgária, Moçambique e das Filipinas. Bangladesh e Moçambique também receberam concessões para o desenvolvimento de *websites*.

Os planos para a conferência do Conselho de Associações Nacionais estão tomando forma. A conferência ocorrerá em Ancara, Turquia, em maio de 2013. O tema da conferência será *Sociologia em Tempos de Desordem: Abordagens Comparativas*. Será organizado em conjunto com o Departamento de Sociologia da Universidade Técnica do Oriente Médio, a Associação Turca de Ciências Sociais e a Associação Sociológica da Turquia.

> **Robert Van Krieken, Vice-Presidente de Finanças e Filiação**

O Comitê de Finanças e Filiação reportou um sólido aumento da filiação individual, que atualmente se encontra em um pouco mais de 5.000 membros. A taxa de Filiação Vitalícia está atualmente em 300 euros, e o comitê propõe agora uma diferenciação da taxa de acordo com as categorias do país: Categoria A – 300 euros, Categoria B – 200 euros, Categoria C – 100 euros, alteração que só poderá ocorrer no Congresso Mundial de Yokohama, em 2014. Recomendamos a facilitação de doações de membros para a ISA via *website*, e a investigação de formas de atrair mais donativos e contribuições.

Providenciamos um resumo de demonstrativo financeiro para 2010 e 2011, a ser disponibilizado à associação, assim como um relatório sobre os detalhes orçamentários do período compreendido entre 2010 e 2014 para discussão em relação a requerimentos para financiamentos adicionais. De forma geral, nossa situação financeira é saudável. Registramos aumentos significativos na equipe e nas despesas administrativas graças ao crescimento das atividades da ISA, mas esses foram compensados por uma contribuição mais significativa da Sage no contrato renovado negociado em 2011. Fundos adicionais foram aprovados para a Diálogo Global, Jornadas pela Sociologia e para despesas com viagens dos editores.

> **Outros itens**

Recebemos um informe encorajador de Koichi Hasegawa, encarregado do Comitê Organizador Local para o Congresso Mundial da ISA em Yokohama (2014). Discutimos informações de nossos representantes na ONU (Jan Fritz, Rudolf Richter, Rosemary Barberet, e Hilde Jakobsen), no Instituto Internacional para a Sociologia do Direito (Ramon Flecha) e na Rede Global de Desenvolvimento (Emma Porio). Ouvimos Chin-chun Yi a respeito do progresso sobre o Laboratório para Estudantes PhD de 2012, em Taipei. Redigimos e assinamos uma carta coletiva do Comitê Executivo defendendo a importância da pesquisa das ciências sociais na União Europeia.

Concluimos com uma nota de agradecimento aos nossos anfitriões, que não mediram esforços para tornar esta a mais proveitosa e interessante aglomeração em Beirute, e em especial à Sari Hanafi, Oubada Kassar, e Chebib Diab, da AUB, e à incansável equipe do Secretariado da ISA por facilitar, uma vez mais, nossa complexa reunião e supervisionar a ISA enquanto ela ruma a passos largos para o futuro. ■

> Explorando a África do Sul enquanto discute-se sua tese

por Tina Uys, Universidade de Joanesburgo, África do Sul e vice-presidente da ISA para Associações Nacionais, 2010-2014



| Estudantes do Laboratório de PhD da ISA em Soweto

O décimo Laboratório Doutoral da ISA aconteceu no isolado ambiente da ilha da Universidade de Joanesburgo, na represa Vaal, perto de Vereeniging, na África do Sul, de 8 a 11 de novembro de 2011. Um grupo diversificado de doze estudantes de lugares tão distantes quanto China, Irã, Europa, EUA, México e Brasil foram selecionados entre 50 candidatos. Eles se reuniram a dois estudantes sul-africanos. Seus orientadores eram também nomeadamente diversos: Jan Marie Fritz dos EUA, Chin Chun Yu de Taiwan, Yoshimichi Sato do Japão. O tema deste ano do laboratório de doutorado foi Exclusão Social, Cidadania e Capital Social.

As atividades começaram com “boas-vindas aos alunos de volta à África”, através de uma visita às cavernas de Sterkfontein, um Patrimônio Mundial no berço da humanidade, onde cientistas descobriram muitos fósseis de hominídeos e de outros animais que remontam a

mais de quatro milhões de anos, ao nascimento da humanidade. O mais importante e mais famoso desses fósseis é o “Sr. Ples”, um crânio de *Australopithecus* de 2.1 milhões de anos, e “Little Foot”, um esqueleto quase completo de *Australopithecus* que tem mais de três milhões de anos. Após a visita os alunos e professores foram transferidos para a Ilha, primeiro de microônibus e depois de barco. ed to the Island first by minibus and then by boat.

O laboratório em si durou quatro dias com sessões durante o dia onde os alunos de doutorado e docentes apresentaram seus trabalhos. Isto possibilitou a emergência de vivas discussões na medida em que o público multicultural promoveu debates sólidos e espirituosos. As atividades durante as noites quentes de verão incluíram um safári e um passeio de barco ao redor da Ilha, o que proporcionou um ambiente oportuno para que todos pudessem conhecer melhor uns aos outros. As atividades na Ilha foram concluídas com um tradicional *braai*, (churrasco) sul-africano, e uma fogueira de acampamento. No sábado os estudantes e professores foram conhecer um pouco da história mais recente da África do Sul com uma excursão pelo Soweto, onde foram entretidos com um típico almoço *shebeen*. O laboratório terminou com jantar de despedida na noite de sábado no hotel *The View*, que tem uma vista espetacular da reserva natural *Melville Koppies* em Joanesburgo.

Para concluir, gostaria de agradecer ao reitor da Faculdade de Humanidades, professor Rory Ryan, que forneceu a maior parte do financiamento para a hospitalidade local do Laboratório. Estou certo de que os participantes deste Laboratório de Doutorado terão boas lembranças de sua estadia na Ilha e em Joanesburgo. ■

> Jornadas pela Sociologia

por Laleh Behbehanian, Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA

Laleh Behbehanian apresenta o programa “Jornadas através da Sociologia”. O Diálogo Global pediu que ela avaliasse o que aprendeu em suas entrevistas com o Comitê Executivo da ISA

Jornadas através da Sociologia é uma série de entrevistas gravadas com o Comitê Executivo da Associação Internacional de Sociologia. Conduzidas via *skype*, com membros do comitê localizados em todo o mundo, as entrevistas fornecem um raro vislumbre das jornadas pessoais desses estudiosos pela sociologia. As entrevistas foram focalizadas na exploração de duas questões principais: *Como eles foram atraídos para a sociologia*, e *Os desafios que enfrentaram*. Todas as entrevistas podem ser encontradas na página da ISA <http://www.isa-sociology.org/journeys-through-sociology/>.

Enquanto as entrevistas estão cheias de relatos pessoais fascinantes, coletivamente, elas também destacam as muitas experiências compartilhadas pelos sociólogos no espaço e no tempo. Mais fundamentalmente, elas apontam para um profundo senso de curiosidade sobre o mundo social. Assim, Yoshimichi Sato explica que ele foi atraído para a sociologia

como uma forma de dar sentido a “quebra-cabeças sociais”, enquanto Jennifer Platt descreve a emoção de trabalhar com diferentes tipos de dados empíricos. Para muitos desses estudiosos, sua curiosidade sociológica foi acesa pelas experiências de viagens ou de migração. A imaginação sociológica de Michael Burawoy foi alimentada por suas viagens para os EUA, para a Índia e para a Zâmbia. Enquanto que as experiências de Habibur Khonder de migrar de Bangladesh para o Canadá, para Cingapura e para os Emirados Árabes moldaram sua perspectiva de um “sociólogo itinerante”, engajado em pesquisas comparativas. Tom Dwyer descreve suas experiências iniciais de “estranhamento” de quem cresceu em uma família de imigrantes irlandeses na Nova Zelândia, bem como de suas viagens ao longo de sua juventude, e como esse estranhamento levou-o a pensar sociologicamente sobre o mundo. Vineeta Sinha também discute um tema semelhante ao descrever a sensação de “desconforto” inculcada por seus professores de sociologia e como isso apresentou novas

possibilidades de interpretação do mundo.

Não é nenhuma surpresa que muitos desses estudiosos foram inicialmente atraídos para a disciplina por professores inspiradores, uma inspiração que eles pretendem transmitir aos seus próprios alunos. Tina Uys relata a opinião de seus próprios professores, e como ela utiliza a sociologia para compreender e enfrentar os desafios que se apresentam atualmente aos estudantes na África do Sul. Simon Mapadimeng, também da África do Sul, foi introduzido à disciplina por professores que estiveram profundamente envolvidos nas lutas anti-apartheid, levando-o a seu próprio compromisso em consolidar uma nova geração de sociólogos negros sul-africanos.

Um tema, no entanto, surgiu recorrentemente nas entrevistas: o de perseguir a sociologia como um meio de mudança social, com praticamente todas as discussões se voltando para o potencial da sociologia em responder às questões sociais, políticas e econômicas

>>

urgentes. Jaime Jiménez recorda trabalhar no primeiro computador do México quando ainda era um estudante universitário, em 1958, e como aquilo parecia ser a promessa de resolver todos os problemas da nação, levando-o a prosseguir trabalhando em pesquisas quantitativas voltadas para os problemas sócio-econômicos. Dilek Cindoglu descreve como a instabilidade política na Turquia na década de 1970 levou-o à sociologia: “Eu queria entender o que estava acontecendo na Turquia. E ainda quero”.

Muitas das entrevistas prestam contas do cruzamento fascinante da biografia com a história, que levaram os estudiosos ao caminho da sociologia. Ishwar Modi fala do período após a independência da Índia e como a atenção de cientistas sociais se voltou para a reconstrução e para o desenvolvimento. Chin-Chun Yi foi levado à sociologia pela transformação social dramática de Taiwan, em 1970. Enquanto que a jornada de Emma Porio através da sociologia foi impulsionada por um desejo de compreender as rápidas mudanças sociais experimentadas pelas Filipinas sob a Lei Marcial. Elena Zdravomyslova oferece um relato cativante da influência do seu pai e seus colegas, que lançaram a sociologia soviética, e depois, como se desiludiu com a disciplina no final dos anos 1970, contudo, com a abertura criada pela Perestroika, a sociologia, mais uma vez, começou a florescer.

As entrevistas também proporcionam uma visão da gama de

desafios sociológicos em todo o mundo. Alguns desses desafios são dificuldades impostas pelo sexo, pela raça ou pela nacionalidade, enquanto outros são mais universalmente compartilhados. Muitos estudiosos do sul do globo enfatizam a luta para expandir a teoria sociológica além de suas fronteiras tradicionais eurocêntricas e a necessidade de abordar as desigualdades globais contínuas na produção do conhecimento sociológico (em termos de idiomas, periódicos e publicações, prioridades de pesquisa, etc). Muitos desses estudiosos lidam com o desafio de realização de pesquisas que são, ao mesmo tempo, localmente enraizadas e globalmente relevantes. Sari Hanafi capta essa tensão em relação às publicações eloquentemente, descrevendo-a como uma escolha entre “publicar globalmente e perecer localmente” e “publicar localmente e perecer globalmente”.

“cruzamento fascinante da biografia com a história”

Há também uma série de desafios que aparecem mais universalmente ao longo das entrevistas, incluindo aqueles relacionados às limitações das fronteiras disciplinares. Raquel Sosa descreve seus esforços para desenvolver uma pesquisa interdisciplinar e a importante colaboração da América Latina em “olhar para diferentes tipos de explicações

da realidade social”. Robert van Krieken afirma que a sociologia pode desempenhar um papel de liderança no sentido de incentivar o pensamento interdisciplinar, e descreve como ele foi sempre inclinado para o campo devido às maneiras com que este lhe permitiu tomar partido e se envolver com outros tipos de conhecimento. Muitas das entrevistas também se focaram no desafio de equilibrar os diferentes papéis do sociólogo (ensino, pesquisa, administração, ativismo, etc), e negociar os diferentes momentos da investigação sociológica (profissional, crítico, político e público). Margaret Abraham reflete sobre esse ato de equilíbrio através de uma discussão sobre a intersecção de sua pesquisa, seu ensino e seu ativismo contra a violência doméstica dentro de comunidades sul-asiáticas nos EUA.

Essas entrevistas demonstram o fascínio diversificado que a sociologia exerce em gerações distintas em lugares diferentes do mundo. Elas mostram o quão interessantes e divertidos são os líderes da ISA. Se você duvidar de mim, vá para o final de cada entrevista na qual o entrevistado nos conta o que teria feito se não tivesse se tornado um sociólogo – advogados, médicos, jornalistas, arquitetos, mas também dançarinas do ventre, bailarinas, donos de bares, carpinteiros ou apresentadores de programa de culinária chamado “Mexendo-se”. Temos sorte, de fato, de termos um grupo humano tão diverso servindo à nossa associação.



> As Insurreições Árabes: Perspectivas Sociológicas e Comparações Geográficas

por Amina Arabi e Julian Jürgenmeyer, Friedrich-Ebert-Stiftung, Líbano



Arte Revolucionária na rua Mohamed Mahmoud, Cairo. Foto por Mona Abaza.

O destino das insurreições populares no Mundo Árabe permanece incerto. Ainda assim, já está claro que o panorama político na região foi transformado em uma extensão jamais vista desde o término formal do colonialismo, e que a ideia essencialista aparentemente inextirpável do “excepcionalismo árabe” foi finalmente desacreditada. Nos dias 20 e 21 de março de 2012, uma conferência sediada na Universidade Americana do Beirute reuniu acadêmicos de todo o Mundo Árabe, mas também da Índia, as Américas Latina e do Norte, assim como da Europa e da África para discutir uma ampla matriz de tópicos relacionados às insurreições e revoluções. A Conferência visou, particularmente, trazer à tona perspectivas sociológicas frequentemente negligenciadas e desenvolver cenários para a trajetória futura das insurreições por meio

de comparações históricas, transnacionais e intercontinentais.

Em sua apresentação no movimento *Occupy Wall Street*, Markus Schulz (Universidade de Illinois em Urbana-Champaign) possibilitou uma perspectiva dessa espécie ao elaborar um modelo teórico para pesquisa sobre movimentos sociais. Muitos paralelos surpreendentes entre as insurreições árabes e o movimento *Occupy* tornaram-se aparentes, como sua natureza dialógica, desprovida de liderança que, no caso árabe, Mohammed Bamyeh (Universidade de Pittsburgh) identificou com uma longa tradição de moral anarquista. Para ele, o movimento popular por todo o Mundo Árabe pode ser considerado a expressão de uma memória histórica que é profundamente suspeitosa do autoritarismo e que luta pela colocação do povo não meramente como soberano representado, mas como soberano *de fato*.

A presença de uma ânsia genuína por democracia nas insurreições foi, repetidamente, sujeito a debates. Apesar de os participantes concordarem sobre a notável importância dos agravos econômicos, eles menosprezaram uma interpretação puramente materialista, considerando-a reducionista e inapropriada para dar conta das transformações profundas pelas quais as sociedades árabes estão passando. O caso de Bahrein, analisado por Abdulhadi Khalaf (Universidade de Lund) serviu como exemplo de uma revolta genuinamente política, com seus protagonistas protestando contra a política do “Pão e Circo” adotada pelo Rei e demandando serem “cidadãos, e não sujeitos”. Sari Hanafi (Universidade Americana de Beirute) argumentou que uma nova forma de subjetividade política surgiu na esteira das insurreições,

>>

que, em claro contraste com o assim chamado individualismo neoliberal, não propaga uma emancipação completa das entidades coletivas, mas incita seus atores a refletirem ativamente sobre seus laços sociais e, se necessário, não apenas alterar esses laços, mas também as entidades coletivas em si mesmas. Para Hanafi, esse “individualismo reflexivo” possui o poder de transcender as clivagens étnicas e sectárias e, então, pavimentar a estrada para um “novo patriotismo”. Como se tornou evidente na discussão subsequente, a concretização desse fato ainda não está clara - considerando que até mesmo na Tunísia e no Egito, as alegadas fortalezas da reflexividade, o comportamento pós-revolucionário de voto ainda foi amplamente determinado por lealdades étnicas e sectárias.

Inspirando-se na experiência latino-americana, Raquel Sosa Elízaga (Universidade Nacional Autônoma do México) e Edgardo Lander (Universidade Central Venezuelana, Caracas) ainda enfatizaram a necessidade de uma revolução social, no lugar de uma mera mudança de regime. Apenas desse modo seria possível superar estruturas de exploração e opressão que, na maior parte dos países da América Latina, persistiram após as “transições negociadas” para a democracia (liberal). Tina Uys (Universidade de Joanesburgo) apresentou uma crítica similar da “revolução negociada” na África do Sul, caracterizando-a como inerentemente conservadora.

Como visto na América Latina, as forças armadas devem ser consideradas um dos atores-chave nas transições de regime. Yezid Sayigh (Centro Carnegie do Oriente Médio, Beirute) destacou a penetração de quase todas as esferas sociais pelos militares, em consequência do papel crucial que as forças armadas exerceram na construção do poder autoritário no Mundo Árabe. A reconfiguração das relações entre civis e militares é, portanto, um dos mais urgentes e arriscados desafios para governos

pós-revolucionários – a perturbação necessária de interesses sociais estabelecidos há tempos, argumenta Sayigh, pode se tornar um sério obstáculo para restringir o poder militar na sociedade. Refletindo sobre o papel do espaço público nos confrontos entre revolucionários e o exército em curso, Mona Abaza (Universidade Americana do Cairo) mostrou, em seu “Reflexões sobre a Pós-Revolução”, que os militares egípcios ainda estão distantes de um controle democrático e almejam tomar o poder por conta própria.

As relações entre civis e militares na Turquia foram frequentemente evocadas como um modelo possível para o Mundo Árabe. Isso foi colocado em dúvida por Dilek Cindoglu (Universidade de Bilkent, Ancara), que indicou algumas deficiências da democracia turca e advertiu, particularmente, contra a “democratização cega para a questão de gênero”. Fatima Kubaissi (Universidade do Catar) e Jan Marie Fritz (Universidade de Cincinnati, EUA) analisaram, ainda, o papel da mulher nos processos de transição, com Fritz destacando a contingência fundamental inerente aos momentos de mudança política que proveem, conseqüentemente, uma “janela de oportunidade” para a transformação social e o empoderamento da mulher.

Com respeito à questão sobre quem empoderar para promover a mudança democrática, Justin Gengler (Universidade do Catar) contestou a sabedoria popular que prega que o engajamento cívico se traduz em uma apreciação mais ampla pelos valores democráticos. Com base nos dados da Pesquisa sobre *Valores Mundiais*, Gengler apresenta a hipótese controversa de que, ao menos no Catar, a sociedade civil enquanto tal não é um canal para a democratização, mas que na verdade facilita o surgimento de estruturas clientelistas. Goran Therborn (Universidade de Cambridge) estende o argumento de Gengler e alega que mesmo nas nações democráticas a

sociedade civil é, primeiramente e de forma principal, uma esfera onde interesses particulares, e não valores genuinamente democráticos, estão representados.

Em sua fala de encerramento, Michael Burawoy (Universidade da Califórnia, Berkeley) elogiou o organizador, Hanafi, por seu “golpe de gênio” na pavimentação da estrada para uma perspectiva comparativa sistemática das insurreições. Essa conferência deu um passo importante na direção de uma abordagem verdadeiramente comparativa, mesmo que ainda não tenha fornecido uma síntese das experiências de democratização de diferentes países e regiões. Apenas uns poucos participantes estavam preocupados primariamente com a questão de quais conclusões tirar para as insurreições árabes de experiências em outros lugares, enquanto a maioria das apresentações e discussões trataram principalmente das especificidades de nações ou regiões, focando em estudos de caso detalhados, mas ainda assim isolados, ao invés de sistematizar nosso conhecimento empírico sobre revoluções e democratização. Por conseguinte, um quadro mais geral para a análise comparativa das mudanças de regime, que não caia na armadilha de transformar tudo em afirmações causais muito simples, ainda precisa ser desenvolvido. Precisa-se lembrar que a espontaneidade definidora das revoluções árabes não pode ser capturada por modelos (semi-) determinísticos, mas sim atribuída à “imprevisibilidade da ação humana”, como Goran Therborn afirmou. Por isso, como Nahla Chahal (jornal *al-Safeer*) nos lembrou em sua fala engajada, aqueles que argumentam a favor da mudança política devem aproveitar a oportunidade desse momento verdadeiramente *histórico* e traduzir suas reflexões teóricas para uma prática revolucionária. ■

> Uma ou várias sociologias? Um diálogo polonês

por Mikołaj Mierzejewski, Karolina Mikołajewska, e Jakub Rozenbaum, Laboratório de Sociologia Pública, Universidade de Varsóvia, Polônia¹



Simpósio do Diálogo Global em Varsóvia sobre o Futuro da Sociologia.

Com o seu animado debate sobre o estado da sociologia em um mundo desigual, o Diálogo Global 2.2 foi a primeira edição publicada em polonês. A equipe editorial local, trabalhando em conjunto no Laboratório de Sociologia Pública organizado pelos estudantes, decidiu levar a discussão global para um contexto mais local. Nós organizamos um seminário voltado para os problemas levantados por Piotr Sztompka e seus oponentes, visto a partir de uma perspectiva polonesa.

A reunião foi realizada em 19 de janeiro (2012) e atraiu estudantes, doutorandos e professores de várias faculdades da Universidade, bem como de outras escolas. Todo mundo no seminário era livre para expressar a sua opinião, mas para definir o debate três pessoas foram convidadas

para dar palestras introdutórias. A professora Anna Giza-Poleszczuk é uma conhecida especialista em sociologia da família e dos laços sociais, e é também ativa em ONGs polonesas. O professor Antoni Sulek é ex-presidente da Associação Polonesa de Sociologia (PTS). Ele é especialista em metodologia, teorias da opinião pública, e da história da sociologia polonesa. A área principal de estudo da Dr^a Izabela é a carreira profissional dos cientistas e músicos. Ela realizou uma pesquisa na França, na Polônia e nos EUA, colaborando com a EHESS em Paris e com a Universidade de Harvard.

A discussão no seminário abrangeu um vasto leque de temas, dos conflitos no campo da sociologia para a reforma da ciência polonesa e do ensino superior, introduzida em 2011. De uma forma geral, no entanto, procuramos

abordar a questão de saber se uma sociologia universal é possível (ou desejável) ou se devemos incentivar “sociologias locais” para tratar dos problemas locais - em outras palavras, procuramos responder à questão colocada no título do seminário: *Uma ou várias sociologias?*

A Dr^a Izabela Wagner começou mostrando as múltiplas dimensões das divisões e desigualdades entre os sociólogos. Não há apenas conflitos entre Norte e Sul, Leste e Oeste, ou sociólogos de elite e não elite, mas também entre os teóricos e “etnógrafos” que começam a partir do trabalho de campo e, em seguida, avançam para a teoria. Para o Dr. Wagner, Piotr Sztompka e Michael Burawoy - cujas opiniões refletem em grande parte das suas

>>

carreiras acadêmicas e origens sociais - são exemplos desses dois pontos de vista. Ela comparou a situação da sociologia com a da biologia molecular, que costumava ser dominada por cientistas que trabalham em condições artificiais de laboratório, utilizando o método *in vitro*, o que acabou por produzir principalmente artefatos. Assim, o método *in vitro* foi recuperado. Embora seja muito mais custoso e 95% das experiências terminam em falhas, ele gera conhecimento e teoria que são bastante baseadas na realidade empírica. Embora o *in vitro* se assemelhe à abordagem teórica da sociologia, esse método está perto da etnografia, pois há hipóteses menos enquadradas *a priori*, e as teorias são extraídas do campo. O Dr. Wagner expressou a sua esperança de que a sociologia pode tomar um rumo paralelo ao da biologia.

O professor Antoni Sułek apresentou uma outra abordagem para a nossa questão, ao definir a sociologia como “uma ciência que fala da sociedade”, e não “uma ciência da sociedade”. Assim, segundo ele, podemos discutir a diversidade de *linguagens* que usamos em nosso trabalho sociológico, bem como a diversidade das *sociedades*. Este último é um problema teórico provavelmente insolúvel (como as sociedades profundamente se diferem). Pelo contrário, se considerarmos a linguagem sociológica que usamos, podemos ver que a oposição universal-particular, é um falso dilema. O professor Sułek sugeriu que existem dois “circuitos sociológicos” paralelos. Um é puramente acadêmico, em que os sociólogos falam uns com os outros. Aqui, publicar em Inglês não é apenas aceitável, mas desejável - aqui “os sociólogos falam com o mundo, e você fala com o mundo em línguas do mundo”. O objetivo é comunicar as experiências locais em uma linguagem da teoria sociológica, sem referências contextuais. No entanto, há um outro circuito, aquele em que os sociólogos falam para a sua própria sociedade. Neste circuito encontra-se o papel

fundamental da sociologia. Segundo o professor Sułek, a melhor maneira de realizar isso é “escrita sociológica” textos que não se destinam a outros estudiosos, mas para um público de massa. Isto não deve, no entanto, ser confundido com o papel de “sociólogos de mídia” que aparecem na TV, que se assemelham mais a celebridades do que a estudiosos.

A professora Anna Giza-Poleszczuk também apresentou visões diferentes da sociologia. Ela levantou três questões importantes que devemos ter em mente na busca de uma sociologia universal. Em primeiro lugar, todos possuem as mesmas oportunidades para apresentar a sua visão do conhecimento universal? Pensamos em mecanismos que nos protegem de “usurpadores” que monopolizam esta ciência? Em segundo lugar, quem define a agenda sociológica? Quem decide quais problemas são importantes dentro da “base comum de conhecimento”? Em terceiro lugar, estamos falando sempre sobre as mesmas coisas? Diferenças entre as sociedades não operam apenas no nível de suas “manifestações” de lógicas universais. As teorias também desempenham um papel na determinação de como vemos o mundo. Na verdade, algumas teorias são simplesmente inadequadas, como a economia neoclássica em um país onde não há mercado livre.

A professora Anna Giza-Poleszczuk também se referiu ao debate sobre a recente reforma do ensino superior na Polônia no âmbito da sociologia pública. Em uma discussão que se seguiu, Dr. Maciej Gdula, mentor do Laboratório de Sociologia Pública, argumentou que a reforma altera profundamente as circunstâncias da vida acadêmica polonesa. Ela tenta transformar estudiosos poloneses em estudiosos norte-americanos através de grandes recompensas por artigos publicados na lista de periódicos reconhecidos pelo Índice Internacional de Ciência, em vez de ensinar os alunos ou mesmo realizar atividades extra-

acadêmicas em relação a problemas da própria sociedade. A sociologia pública, afinal, não está à procura de reconhecimento no sistema de publicação internacional, mas visa a construção de laços entre diversos atores sociais em contextos locais.

A dependência acadêmica e uma reflexão crítica sobre a sociologia fornecem outro quadro analítico fecundo para se estudar a situação das instituições acadêmicas polonesas. No entanto, o seminário não poderia ser concluído com a resposta inequívoca à questão colocada no título. É porque - como Jeffrey C. Alexander afirmou na última edição do *Diálogo Global* (2.3) - a disputa entre universalismo e particularismo não poderia ser resolvido de uma vez por todas, mas deve ser periodicamente revisitada em diferentes contextos. Nós só podemos tentar encontrar um terreno comum, que é o Professor Sułek fez nas palavras finais do seminário. Ele sugeriu que o mais importante é fazer uma boa sociologia. Somos livres para definir os nossos próprios padrões de excelência acadêmica. O que conta é estar em conformidade com estas normas.

Esta conclusão é extremamente importante: a sociologia não tem de ser adaptada para uma versão do que é definido como “boa ciência”. No entanto, mesmo se nós escolhermos o caminho da sociologia pública, mesmo que desenvolvamos uma “sociologia local” abordando os problemas locais, nós devemos desenvolver e aplicar critérios para avaliar o nosso trabalho como ciência. ■

¹ Koło Naukowe Socjologii Publicznej (Laboratório de Sociologia Pública) é uma organização escolar dos estudantes fundada no Instituto de Sociologia, Universidade de Varsóvia. Para entrar em contato, escreva para public.sociology.kn@uw.edu.pl ou visite <http://www.facebook.com/socjologiapubliczna>.

² Para saber mais sobre a Reforma Polonesa, veja artigos de Izabela Wagner e Anna Szolucha no blog da ISA (<http://www.isa-sociology.org/universities-in-crisis/>).

> Um grupo de crianças É o que somos!

por Reyhaneh Javadi, Universidade do Teerã, Irã

Durante a tradução da introdução da equipe japonesa (GD 2.3), quando eu estava lendo os níveis e as áreas de Pesquisa – relembrando a Equipe Paulista – tudo o que estava pensando era em “Céus! O que estamos fazendo entre todos esse doutores e professores? Nós somos apenas um grupo de crianças”.

Isto é o que nós realmente somos! Um grupo de jovens sociólogos interessados (muito) que pensa e acredita que merecemos melhores condições de estudo. Assim, nós temos nos organizado dentro da Associação Sociológica de Estudantes da Universidade de Teerã. Nós estamos tentando determinar e desafiar as deficiências na educação formal e criar alternativas. Nosso quadro é eleito pelo voto de estudantes de sociologia em nossa universidade. O mandato é de um ano acadêmico.

No ano passado, nossa associação retomou o seu comprometimento depois de anos de inatividade. Na ocasião, a chapa eleita incluiu: Saghar Bozorgi, Najmeh Taheri, Elahe Noori, Mitra Daneshvar, Faezeh Khajezade, Somaieh Rostampour, and Reyhaneh Javadi. O time atual iniciou seus trabalhos a um mês atrás. As caras na equipe, assumindo as posições daqueles que tenham se graduado, são Nastaran Mahmoudzadeh, Tara Asgari Laleh, e Zahra Babaei. Todos os membros da equipe são graduandos,

exceto dois que são estudantes de mestrado. E todas nós somos mulheres!

Nossa associação focou inicialmente em criar grupos de estudo para ler os trabalhos de sociólogos clássicos e modernos; organizando workshops como, por exemplo, sobre a sociologia da religião no Irã; coordenou uma exibição de fotografia social; e aproveitou as ideias de palestrantes, como Michael Burawoy (Sociologia Pública) e Jennifer Platt (História da Sociologia). Por último, mas não menos importante, nós estamos publicando uma revista de estudantes de sociologia chamada *Sareh* (“puro”) com duas partes em cada número. A primeira parte é uma abordagem crítica à situação do ensino em sociologia na nossa faculdade e a segunda parte é a tradução de um artigo ou parte de um livro de sociologia.

Traduzir o Diálogo Global é uma das tarefas de nossa associação. Diferentemente de outras equipes, nós escolhemos uma forma colaborativa de eleger nossos tradutores. De fato, esta atividade foi uma grande forma de gerar estímulo e entusiasmo. Assim, nós fazemos um anúncio em nossa faculdade para todo número, e pedimos a todos os estudantes interessados que traduzam uma página do conjunto de textos. Para cada número nós escolhemos quatro dos melhores tradutores. Aqui está uma breve introdução à equipe de tradução.



Reyhaneh Javadi Estudante de mestrado em sociologia na Universidade de Teerã (UT). Ela obteve seu bacharelado em sociologia na UT. Seu campo de estudos é sociologia histórica focando nas reformas do século XIX e começo do século XX no Irã.



Jalal Karimian Mestrando em filosofia na Universidade Shahid Beheshti (SBU). Ele recebeu seu bacharelado em ciências sociais pela UT. Recentemente, ele tem estudado filosofia existencial e fenomenologia da religião. Ele também se interessa por sociologia pública.



Shahrad Shahvand Mestre em relações internacionais pela UT, com bacharelado na Persian Gulf University (PGU) em engenharia química. Atualmente seu foco é religião, cultura e política no Sul da Ásia, especialmente no Paquistão.



Saghar Bozorgi Bacharelada em sociologia na UT. Se interessa por sociologia histórica focando no Irã Moderno.

>>



Najmeh Taheri Bacharelada em sociologia na UT.



Tara Asgari Laleh Bacharelada em sociologia na UT.



Fatemeh Moghaddasi Mestranda em sociologia na Universidade Allameh Tabataba'i (ATU). Ela obteve seu bacharelado em sociologia pela UT. Seu principal interesse de Pesquisa é sociologia da educação e sociologia pública, focando na história da sociologia pública no Irã e a expansão da sociologia pública dentro do sistema educacional.



Zeinab Nesar Mestranda em sociologia pela UT. Ela recebeu seu bacharelado pela UT. Atualmente está trabalhando com estudos de gênero.



Faezeh Esmaeili Mestranda em sociologia pela UT. Ela recebeu seu bacharelado em sociologia pela SBU. Ela está analisando as políticas sociais durante a era Pahlavi.



Mitra Daneshvar Bacharelada em sociologia pela UT. Ela está analisando jovens desviantes, concentrando principalmente nas punições capitais no Irã.

É, de fato, um prazer e uma honra para todas nós colaborar com essa grande experiência que é o Diálogo Global. ■

> O Lugar Global da Sociologia francófona

por André Petitat, Universidade de Lausanne, Suíça, e presidente AISLF



Georges Gurvitch (1894-1965) – Intelectual francês nascido na Rússia sociólogo renomado em sua época – foi um líder da AISLF.

O 19º Congresso da Associação Internacional dos Sociólogos de Língua Francesa (AISLF) sobre “Incerteza” (*Penser l’incertain*) será entre os dias 2 e 7 de julho de 2012, em Rabat. AISLF, membro da ISA, foi fundada em 1958 em um contexto

de hegemonia militar, econômica, tecnológica e científica dos EUA. Desde a década de 1950, estudantes de graduação e pós-graduação buscavam oportunidades para visitar as universidades dos Estados Unidos. Isso não era do agrado de todos, pois as correntes do funcionalismo conformista e do empirismo estatístico, então dominantes nos EUA, estavam em contraste com as abordagens europeias sensíveis ao conflito e à transformação social. Georges

>>

Gurvitch, figura de destaque na AISLF, desenvolveu a crítica de Sorokin à *dostestomania* e à *quantophrenia* dos EUA à sua própria maneira. Ainda que a loucura McCarthyite tivesse terminado em 1954, deixou seus vestígios na sociologia dos EUA.

A distância teórica e ideológica da sociologia dos EUA, para não mencionar sua unilateralidade linguística, foi um grande influxo sobre a decisão de criar um espaço internacional de uma sociologia de língua francesa. Assim, a AISLF é um ato explícito de política científica, bem como um ato de política linguística: o objetivo era proteger a diversidade da produção sociológica e a diversidade linguística, combinando uma com a outra.

Com o tempo, AISLF cresceu de um encontro acadêmico amigável para uma associação de mais de 1.800 membros em mais de 50 países. Não é uma associação regional ou nacional, mas uma associação de espaços linguístico-culturais, tanto real quanto virtual, composta de países, regiões nacionais, programas educacionais e centros de pesquisa que estão parcial ou totalmente em língua francesa. Alguns deles estão localizados em países que não são de língua francesa, outras são simplesmente sociólogos franco-afins isolados em ambientes não-francófonos. Essa associação "linguístico-regional" tem mais de 50 grupos temáticos muito ativos. Ela produz o jornal *online Sociologies* e dá especial atenção à formação de jovens pesquisadores através da *Rédoc* (Rede Internacional de Escolas de Doutorado) que organiza uma escola de verão todos os anos. As atividades da Associação são

sumariadas a cada seis meses na *Lettre de l'AISLF*. Para mais detalhes, ver aislf.org.

A AISLF tem servido também como um site internacional para debates entre as várias "escolas" de sociologia de língua francesa, sem se posicionar diretamente. Tem, portanto, cumprido com seu objetivo original – que permanece o mesmo até hoje – de defender o pluralismo na sociologia e de incentivar o debate no seio dos grupos de pesquisa. As associações linguístico-regionais oferecem oportunidades para a incubação internacional e enraizamento espontâneo de novos conceitos e paradigmas que emergem em contextos nacionais muitas vezes demasiado estreitos para proporcionar espaço suficiente para o seu crescimento. Para prosperar, a diversidade sociológica exige tais zonas de proximidade linguística. Uma das tarefas da ISA é favorecer o diálogo entre as áreas que são mais ou menos porosas, tarefa que o Presidente Burawoy está tentando realizar concernente aos grandes problemas mundiais.

É evidente que as zonas linguísticas são desiguais e hierárquicas. Hoje, a zona de língua inglesa está no topo. Essa hegemonia, resultante de múltiplas circunstâncias e processos, não deve nos cegar para o fato de que zonas linguísticas, incluindo a de língua francesa, têm suas próprias hierarquias internas e suas desigualdades. Pensar e escrever em francês não é o mesmo para um senegalês, ou um marroquino, como o é para alguém da França ou do Quebec. Na verdade, estamos diante de uma hierarquia de hegemonias

linguísticas com relações de desigualdade correspondentes.

O contexto no qual a AISLF foi fundada mudou. A Sociologia nos Estados Unidos está mais diversificada. Suas exportações de maior sucesso, o ator racional e o interacionismo, são dois aspectos importantes da sociologia de língua francesa hoje. Seu sucesso provavelmente está relacionado à fragmentação dos subcampos sociológicos.

O mundo bipolar que conhecemos (1950-1970) desapareceu para ser substituído por um mundo multipolar. Nós habitamos um mundo oficialmente reconhecido por seu pluralismo cultural, caracterizado pela interdependência global de proporções até então desconhecidas e ancorado na crescente mobilidade de pessoas, capital, informação e produtos. Vivemos em uma época em que os nossos poderes tecnológicos e científicos ultrapassam tudo aquilo que poderia ter sido imaginado pelos fundadores da nossa disciplina. O programa liberal do *laissez-faire*, associado ao sonho técnico-científico de Descartes ("senhores e mestres da natureza"), deu à luz essas incertezas do mundo da economia e da ecologia de que há novas demandas de regulação global depois de cada crise, simplesmente para evitar afogamentos em nossas próprias contradições e fragmentações. Ao organizar o nosso 19º Congresso em Rabat sobre o tema da "incerteza" acreditamos que os sociólogos têm um papel especial a desempenhar na busca de uma saída da passagem estreita em que estamos atualmente presos. ■

> Mais sobre AISLF, direto dos Arquivos

por Jennifer Platt, da Universidade de Sussex, Reino Unido, e Vice-Presidente de Publicações da ISA, 2010-14

Esta nota complementa o artigo de André Petitat com mais alguns dados e informações sobre o longo relacionamento da AISLF com a ISA – uma relação que refletiu em dados momentosalguns atritos internos. A fundação em 1949 da ISA foi iniciada pela UNESCO, cuja sede sempre foi em Paris, de modo que a língua francesa teve uma importância prática bem como um estatuto formal; historicamente, também, o francês foia língua da diplomacia internacional, embora este *status* especial mudasse com a dominância internacional dos EUA após a Segunda Guerra Mundial. A duas línguas oficiais da ISA foram o francês e o inglês –sem falardas línguas de outros países com uma sociologia nascente significativa que estavam do lado fascista na guerra. Como a ISA se tornou mais independente da UNESCO, a importância prática da língua francesa em seus assuntos diminuiu, e, como reação a isso, os arquivos mostram que em 1954 o sociólogo francês Georges Gurvitch propunha uma secção francófona na ISA; esta proposta foi vista como um enfraquecimento do *ethos* internacionalista e não foi aceita. Em 1958, a AISLF independente foi, então, fundada por iniciativa de Gurvitch e do sociólogo belga Henri Janne. No entanto, em 1963 ela se filiou à ISA como membro coletivo; mas provavelmente nisto ajudou Girod, o então Secretário de Filiação da ISA, que era também um membro Executivo da AISLF!

As cifras regulares da ISA sobre suas atividades sempre foram mantidas em termos de contribuições nacionais, mas faz uma diferença para o cenário se a língua, mais do que a localização geográfica, é levada em conta. Como Petitat apontou, a França não é a única contribuinte francófona da ISA; França, Canadá, Bélgica e Suíça têm sido bastante proeminentes. De 1949 a 1956 a ISA teve um presidente americano,

enquanto um dos vice-presidentes foi o francês Georges Davy. Georges Friedmann, em seguida, tornou-se presidente de 1956-9. Houve então um longo hiato até o seguinte presidente francófono, Michel Wieviorka, 2006-10, mas ao longo dos anos sempre houve pelo menos um membro francófono no executivo, e em sete dos onze mandatos, a ISA teve um vice-presidente francófono.

Em cenários francófonos (geralmente localizados em países bilíngues) houve três Congressos Mundiais (Liège em 1953, Evianem 1966 e Montréal em 1998) ese estabeleceram três Secretarias antes de sua fixação atual em Madrid (Louvain, 1959- 62; Genève, 1962-7; Montréal, 1974-82). É interessante notar também que alguns membros muito proeminentes da ISA de origem nacional não-francófona, como Anouar Abdel-Malek, ou realizaram trabalhos em Paris durante muitos anos, ou tiveram fortes e duradouras ligações intelectuais por lá. Da mesma forma, os imigrantes francófonos, como Jacques Dofny, que foi da Bélgica¹, para o Québec, criaram ligações importantes. Assim, podemos ver como os laços linguísticos têm ajudado a criar vinculações, bem como expressam identidades independentes. ■

¹ Para um relato muito interessante de seu papel, ver « Entrevue avec Jacques Dofny, professeur et bâtisseur », *Sociologie et sociétés* 23 (1991): 61-77.

> Os desafios enfrentados pela Sociedade Indiana de Sociologia

por IshwarModi, Presidente da Sociedade Indiana de Sociologia e Membro do Comitê Executivo do ISA, 2010-2014



Ishwar Modi acendendo a lâmpada sagrada na conferência anual da ISS em Jaipur. O excelentíssimo governador de Rajastão, Hon'ble S. K. Singh (ao centro), observa.

classes médias, a desigualdade social, a mudança dos contornos da divisão rural-urbana etc. A Sociologia do Povo precisa ser a nossa divisa no século XXI.

Para realizar as novas metas, temos de aprender muito com países como Brasil, Rússia, China e África do Sul. Os países do Leste Europeu também podem oferecer uma grande contribuição baseada nas suas experiências da era pós-socialista. Nós também precisamos olhar para as tradições intelectuais das sociedades orientais, do Oriente Médio e da África para desenvolver sociologias alternativas. Ou seja, a nossa tarefa não é apenas manter os aspectos positivos da sociologia ocidental, mas também tirar lições de países em desenvolvimento. Precisamos estabelecer ligações entre a sociologia indiana dominante e as culturas e sociedades provincianas da Índia. Para conseguir isto, a ISS terá que construir relações estreitas com associações regionais / provincianas para englobar a rica diversidade social e cultural da Índia. Estou bastante otimista de que a ISS fará grandes avanços em todas essas direções. ■

Referências

Modi, I. (2010) "Indian Sociology Faces the World." Pp.316-325 in Michael Burawoy, Chang Mau-kuei, and Michelle Fei-yu Hsieh (eds.) Facing an Unequal World: Challenges for a Global Sociology (Volume II). Institute of Sociology, Academia Sinica, Taiwan, and Council of National Associations of the International Sociological Association.

A sociologia indiana atingiu um nível admirável em termos de ensino e pesquisa. Nessa empreitada a Sociedade Indiana de Sociologia (ISS) tem desempenhado um papel significativo ao longo das seis décadas de sua existência. Estou extremamente feliz por ser o seu Presidente a partir de janeiro de 2012, em um mandato de dois anos. O ISS tem cerca de 3.500 membros vitalícios na Índia e alguns no exterior. A sociologia na Índia está hoje em uma interseção. Vários desafios têm surgido nos últimos anos em nossa secular profissão acadêmica da sociologia. O passado colonial da sociedade indiana ainda assombra a pedagogia e a metodologia, e a supremacia acadêmica americana reina sobre nossos projetos acadêmicos, incluindo conceitos, quadros de referência e construções teóricas. A sociologia indiana ainda não conseguiu produzir as suas próprias contribuições para a teoria social e para o desenvolvimento conceitual (Modi, 2010).

A indianização racional precisa se tornar uma realidade se quisermos entender as complexas questões com empatia e interesse. Temos de desenvolver uma sociologia relevante. Sob a minha presidência, novas iniciativas para ampliar os horizontes da sociologia indiana foram discutidas. Ao mesmo tempo, a sociologia indiana não pode ficar afastada da cena global. O porta-voz do ISS é a sua revista – *Sociological Bulletin*. Precisamos ampliar a sua frequência, alargar a sua cobertura, torná-la multilíngue e torná-la, em um sentido verdadeiro, uma publicação internacional. Precisamos trazer temas especiais. Estudiosos sêniores poderiam ser solicitados para contribuir com artigos. Um *e-Journal* também está na nossa agenda.

Além da reformulação do *Sociological Bulletin*, há uma necessidade de iniciar novas discussões sobre questões relacionadas com o desenvolvimento, as bases sociais da política, as novas dimensões das reivindicações culturais e de identidade, a rápida expansão das

> Sociologia Pública na Universidade de Ankara

por Günner Ertong e Yonca Odabas, Universidade de Ankara, Turquia



Trabalhadores amontoados na cidade de tendas construídas no protesto contra a política de trabalho da TEKEL Corporation.

Nós somos um grupo de sociólogos trabalhando com o professor Aytül Kasapoğlu no Departamento de Sociologia da Universidade de Ankara. O nosso grupo inclui alunos de graduação, pós-graduados e jovens acadêmicos em tempo integral.

O nosso grupo é dinâmico; pessoas juntam-se a nós para estudar, contribuem com nossas publicações prosseguem com suas vidas acadêmicas com essas experiências. Em sua maioria, são estudantes que estão escrevendo seus doutorados ou mestrados em direção do professor Kasapoğlu. Nós estamos conectados por nossa rede de pesquisa até mesmo quando saímos do departamento para assumir outros trabalhos. No que se segue, eu introduzirei os leitores brevemente aos livros que publicamos como parte da nossa pesquisa, os seminários do professor Kasapoğlu onde desenvolvemos nossa pesquisa de campo, e uma revista onde nós frequentemente reportamos nossos achados de pesquisa.

Os livros que publicamos se concentram no conteúdo dos cursos ministrados por Aytül Kasapoğlu. Eles são construídos através do trabalho de estudantes e acadêmicos, integrando teoria e prática. O primeiro desses livros, *O Caráter em uma Estrutura Social em Mudança*, é sobre a erosão do caráter devido às exigências da estrutura social. O Segundo, *Novos Traumas Sociais*, examina as narrativas dos traumas sociais. O terceiro, *Vida Social e Conflito: Diferentes Panoramas* lida com a vida social e o conflito, enquanto o último, *Dois Lados da Moeda: Saúde e Doença*, foca-se na área da sociologia da saúde e da doença. A série de seminários, organizada pelo Professor Kasapoğlu, direciona estudantes à literatura relevante e gera novas ideias que são discutidas com colegas. Mesmo depois de se graduarem, os estudantes formados continuam a participar dos cursos, inspirando novos recrutados.

Um projeto de pesquisa de campo que completamos muito recentemente focou-se na greve de TEKEL em dezembro de 2009. TEKEL é uma grande empresa estatal do setor de tabaco e bebidas alcoólicas. A greve durou 78 dias em Ankara, a capital da Turquia. O motivo da greve foi uma mudança do status dos trabalhadores da TEKEL.

A emergência das privatizações nos anos de 1990 e o aumento dos custos trabalhistas no setor público resultaram no uso generalizado de trabalhadores contratados por empresas subsidiárias e, como resultado, a percentagem de trabalhadores com a estabilidade do trabalho deu um mergulho.

A resistência dos trabalhadores a essas estratégias de “flexibilização” começou em Ankara, no dia 14 de dezembro de 2009, e desencadearam táticas opressivas das forças de segurança. Devido ao tempo frio e a espera prolongada por uma resposta do governo, os trabalhadores de TEKEL construíram uma cidade de tendas nas ruas onde eles estavam protestando. Estas tendas se tornaram foco de atenção pública. A despeito da hegemonia do governo, os trabalhadores de TEKEL receberam bastante suporte no local de cientistas, artistas e estudantes. O nosso grupo estava presente, auxiliando os trabalhadores com modelo de pesquisa de campo aplicando o modelo multidão-mobilização de Herbert Blumer à greve de TEKEL. Os resultados desse trabalho se tornaram um artigo que foi apresentado no encontro da Associação Europeia de Sociologia (ESA) em Genebra, em setembro de 2011.

Yurt ve Dünya – Terra natal e o mundo – é uma revista online que tem sido publicada desde 2010 em www.yurtvedunya.net. Contudo, ela tem uma história bastante longa. *Yurt ve Dünya* foi inicialmente publicada em 1941 sob a liderança de Behice Boran, um sociólogo público que trabalhava na Faculdade de Humanidades. Dessa vez, nossa inspiração foi o movimento pela sociologia pública de Michael Burawoy e decidimos reviver a *Yurt ve Dünya* em 2010 trazendo para ela a energia de alguns estudantes de graduação e professores do Departamento de Sociologia. O objetivo da revista é compartilhar a Pesquisa conduzida na academia com diferentes públicos que estão fora da academia. O primeiro público-alvo da revista são estudantes de diferentes departamentos de sociologia na Turquia.

Nós estamos planejando estender nossos esforços na sociologia pública para a área internacional. Nós somos todos membros da ISA e da ESA. Uma vez que nós acreditamos fortemente na importância da colaboração entre sociólogos tanto a nível nacional quanto regional e internacional, nós também estamos ativos na nossa associação nacional.

Nós estamos animados em desenvolver uma cultura de Pesquisa colaborativa e produzir a sociologia pública. Se você está interessado nos nossos trabalhos ou em se comunicar com nosso grupo, pode nos contatar em: Aytül Kasapoğlu: kasap@humanity.ankara.edu.tr
Yonca Odabas: yoncaodabas@yahoo.com
Günner Ertong: gertong07@gmail.com

> Futuros democratizantes: Buscando por Igualdade e Participação

by Markus S. Schulz, Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, EUA, e membro do Comitê de Programa da ISA para o Congresso Mundial de Yokohama, 2014



O Comitê de Pesquisa da ISA sobre Pesquisas sobre Futuros (RC07) reúne seu programa para o Fórum em Buenos Aires que se aproxima sob o lema “Democratizar Futuros”. Este lema foi pensado para conectar o tema geral do Fórum, “Justiça Social e Democratização” com o foco específico do comitê de pesquisa. O lema contém (em sua versão em inglês – *Democratizing Futures*) um sentido duplo: lido como adjetivo, *democratizing* expressa a esperança de que alguns futuros trarão mais democratização; lido como verbo, *democratizing* se

refere à tarefa de democratizar o próprio processo de visualizar e realizar futuros. Futuros democratizantes, portanto, se vincula à busca social por justiça e participação. “Futuros” é intencionalmente usado em sua forma plural pouco comum. Como demandam acadêmicos pós-coloniais como Arturo Escobar, Aníbal Quijano, Walter Mignolo ou Boaventura de Sousa Santos, precisamos de uma epistemologia plural de diversos conhecimentos. Apesar de sua parcimônia atraente, modelos unilineares não descrevem a história como a conhecemos. Conceitos

Mães da Plaza de Mayo, Buenos Aires. Foto por Markus Schulz.

transversais parecem ser mais adequados a realidades turvas e frequentemente conflitivas. Futuros democratizantes implica em diálogo sobre visões alternativas.

O futuro parecia encerrado durante a década de 1990, quando o chamado consenso de Washington prescreveu receitas neoliberais para ajustes estruturais em direção a rígidos modelos de mercado em países ao redor do mundo. As contestações

>>



partiram da selva remota de Chiapas para cidades como Seattle, Praga, Gênova ou Davos, que as elites globais haviam escolhido para reuniões de cúpula a portas fechadas. A política do medo em nome de uma “guerra ao terror” global parecia estender ainda mais o reinado neoliberal até que a especulação excessiva em mercados financeiros estourou e até os principais meios de comunicação passaram a falar sobre um “colapso do capitalismo”. Tais manchetes foram, é claro, prematuras, uma vez que um resgate de vários trilhões de dólares foi organizado da noite para o dia, mas elas indicam quão instável é a legitimidade do regime econômico. O poder dos EUA diminuiu na trilha da invasão no Iraque e frente à ascensão da China e de outros países emergentes. Sul-americanos da Argentina à Venezuela e do Brasil ao Equador encontraram nova margem de manobra para rejeitar as “condicionalidades” do FMI ou do Banco Mundial e perseguir novos caminhos. Os levantes no mundo árabe tiraram do poder tiranos de longa data, abriram novos espaços para a democratização da região, e deram exemplos que repercutiram até mesmo nos EUA.

Um pequeno protesto em *Wall Street* se tornou um movimento nacional com vínculos com equivalentes na Europa e outros lugares. Embora o movimento *Occupy* tenha sido ridicularizado pela mídia corporativa por não ter uma lista clara de demandas, esta falta de uma ideologia fixa contribuiu enormemente para seu apelo. Acima de tudo, a ocupação

da *Liberty Square*, em Nova Iorque, assim como a ocupação de muitas outras praças no país, tinha o objetivo de criar espaço para o diálogo. Ela transformou o árido Parque Zuccotti – “semi-público”, mas de propriedade de uma corporação – em uma esfera pública de sucesso, com artes, música, comida compartilhada, biblioteca e um vibrante debate político sobre como criar futuros melhores, não somente para os 1% mais ricos, mas também para os outros 99%. Como se pode ver pelo conjunto de anúncios feitos em papelão, muitas das demandas e propostas que estavam sendo debatidas eram muito específicas, indo desde uma economia mais justa até um meio ambiente mais limpo e reformas do sistema tributário e legislação sobre financiamento de campanhas. A organização horizontal do movimento por si própria já encarnava o objetivo de resgatar a democracia. O movimento *Occupy* desafiou a crescente desigualdade social e o aumento da influência corporativa na política. A repressão policial conseguiu encerrar os espaços ocupados na maioria das centenas de cidades dos EUA, mas uma nova geração de ativistas teve uma experiência formativa em ação coletiva e está pronta para continuar a luta por futuros mais democráticos.

A sociologia pode aprender com esses movimentos sobre a maleabilidade dos futuros. As questões que estão sendo formuladas em um espectro amplo de sessões organizadas pelo RC07 no Fórum de Buenos Aires incluem: como podemos criar

futuros mais democráticos? Como as assunções e aspirações sobre o futuro influenciam as rotinas diárias e as vidas coletivas no longo prazo? O que define o horizonte de imaginários sociais? Como precisamos repensar a democracia na era da globalização avançada? Como problemas urgentes como a mudança climática global, degradação ambiental, fome ou violência podem ser atacados de maneiras sustentáveis? O que deve ser feito para democratizar a governança, infraestrutura, produção, mídia e tecnologia? Como a distribuição de bens, riscos e oportunidades pode se tornar mais equitativa? Como diferentes forças estão posicionadas para moldar futuros? O que pode ser aprendido ao se comparar lutas sociais em diferentes países e contextos? Como movimentos emancipatórios e práticas cotidianas nas bases resistem à disciplina, exploração e ausência de reconhecimento? Que visões para futuros alternativos são imagináveis, desejáveis e alcançáveis? Quais são os guias para a transformação social? Como a pesquisa social orientada para o futuro pode se vincular a debates públicos mais amplos?

Meus agradecimentos a Alberto Bialakowsky, Alicia Palermo, Margaret Abraham, Michael Burawoy e Raquel Sosa por seu trabalho duro e entusiasmo intelectual para tornar possível o Fórum na Argentina. Vamos aguardar muitos debates entusiasmantes e encontros inspiradores em Buenos Aires. ■